



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

**Sem Parar – Histórias de atletas que insistiram em
vencer**

Breno Thadeu Paganini Lima
Vitor Garbuio de Almeida

BAURU
2017

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	2
PELA PAIXÃO E PELA RAZÃO.....	6
MOVIDA A BOM HUMOR E AUTOCONFIANÇA.....	22
O LÍDER REBELDE.....	36
AMOR À PRIMEIRA PEDALADA.....	52
VOO DA ÁGUIA.....	63
AGRADECIMENTOS.....	73

Apresentação

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), divulgada em 2013, 6,2% da população brasileira é afetada por alguma deficiência. O estudo, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde, considerou quatro tipos de deficiências: visual, física, auditiva e intelectual. A deficiência visual é a mais comum e impacta 3,6% da população brasileira. De acordo com o levantamento, os deficientes físicos representam 1,3% dos brasileiros, enquanto que os deficientes auditivos totalizam 1,1% e os deficientes intelectuais 0,8% da população nacional.

A psicóloga e pesquisadora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) Maria Salete Fábio Aranha, em seu artigo Paradigmas da Relação da Sociedade com as Pessoas com Deficiência, cita três principais estágios dessa relação. No primeiro, o Paradigma da Institucionalização, amplamente disseminado pelo mundo até a década de 1960, pelo qual os deficientes eram retirados de suas comunidades e confinados em instituições segregatórias, longe de suas famílias. Nesse contexto, as pessoas com deficiências eram submetidas a práticas irrealistas e pouco condizentes com as demandas do mundo externo. Dessa maneira, quando conseguiam retornar à vida em sociedade, os deficientes frequentemente apresentavam enormes dificuldades para sua readaptação.

O segundo estágio foi denominado Paradigma de Serviços. Com estudiosos debruçados sobre o assunto, principalmente a partir da década de 1960, essa etapa caracterizou-se pelo processo de desinstitucionalização e integração das pessoas com deficiências à sociedade. O Paradigma de Serviços fundamentou-se na ideologia da normalização, que objetivava fazer com que os deficientes pudessem acessar os serviços da comunidade assim como quaisquer outros cidadãos. No entanto, percebeu-se que as pessoas com deficiências foram responsabilizadas por todo o processo de inserção e foram o alvo principal da transformação.

Caberia, então, à própria sociedade se reorganizar e se readaptar para acolher as pessoas com deficiências e garantir que todos os recursos estivessem disponíveis a essa parcela da população. Assim, surgiu a terceira etapa dessa relação: o Paradigma de Suporte. Este Paradigma é baseado no conceito de inclusão social, um “processo de ajuste mútuo, pelo qual cabe à pessoa com deficiência manifestar-se com relação a seus desejos e necessidades e, à sociedade, cabe a implementação dos ajustes e providências necessárias que a ela possibilitem o acesso e a convivência no espaço comum, não segregado”, como definiu Maria Salete.

O Brasil ainda não atingiu o último estágio da relação sociedade-pessoa com deficiência, o Paradigma de Suporte. Segundo Maria Salete Aranha, a sociedade brasileira baseia suas ações no Paradigma de Serviços, com alguns resquícios da institucionalização total. Nesse cenário, o esporte pode ser um importante instrumento de inserção social para os deficientes. O esporte adaptado só se desenvolveu no Brasil nas décadas de 1980 e 1990, após a sistematização da Educação Física adaptada no país. Caso os valores corretos sejam associados à prática esportiva, o esporte pode ser um fator transformador e ressignificador, além de fundamental para o desenvolvimento humano. A possibilidade do contato com novas formas de movimento e interações culturais e sociais são enriquecedoras para pessoas com e sem deficiências.

O livro-reportagem *Sem Parar* é composto por cinco perfis de deficientes físicos e visuais que praticam esportes com objetivos diversos. O que todos têm em comum é que encontraram no esporte uma paixão e um mecanismo eficiente para inclusão e aceitação social. Angelina Nascimento da Silva foi diagnosticada com polineuropatia, uma doença neurológica que provoca a inflamação dos nervos, aos 37 anos de idade e perdeu os movimentos dos membros inferiores. Depois de mais de um ano procurando explicações e forças para sair de sua cama, Angelina começou a praticar maratonas de rua sobre seu triciclo. Hoje, ela também faz provas de pista e de lançamentos. Angelina pratica esportes todos os dias porque precisa estimular os seus braços, para que os movimentos dos membros superiores não sejam afetados pela doença.

Ana Paula Rosa Castelvi nasceu com toxoplasmose congênita, uma doença transmitida por sua mãe durante a gestação. As consequências se demonstraram irreversíveis. Ana Paula tem apenas 10% de sua visão desde o nascimento. Após a morte de sua mãe adotiva, Ana Paula se viu em estado depressivo e uma professora de Educação Física lhe apresentou o atletismo. Desde então, a sul-mato-grossense pratica provas de velocidade e salto e não imagina como seria sua vida sem o esporte. Ana Paula já disputou um Parapan-Americano juvenil e sonha participar de uma edição dos Jogos Paralímpicos.

Ivan de Oliveira Freitas também nasceu com problemas para enxergar. Após algumas cirurgias para tentar a correção da deficiência, houve descolamento de suas retinas e ele perdeu completamente a visão. Ivan conheceu o Futebol de 5 no Instituto de Cegos Padre Chico, quando o paradesporto ainda engatinhava no Brasil. Ele chegou à seleção brasileira e conquistou importantes títulos. Enquanto era um dos melhores jogadores do país, só não disputou as Paralimpíadas por problemas de relacionamento e

disputas de ego. Ivan foi o segundo cego a conseguir formação superior em Educação Física no Brasil e é coordenador de Paradesporto da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer em São Bernardo do Campo.

Um acidente de carro mudou completamente a vida de Jéssica Moreira Ferreira. A jaboticabalense sofreu uma grave lesão na medula e perdeu os movimentos das pernas. Formada em Administração e Recursos Humanos se acostumou desde cedo com sua independência e com uma dura rotina que conciliava o trabalho com os estudos. O esporte não era uma de suas atividades. Depois do acidente, Jéssica teve contato com o ciclismo adaptado. A prática esportiva lhe ajudou a recuperar sua autoestima e autonomia. Além disso, Jéssica disputa campeonatos nacionais e internacionais em alto nível e é uma das melhores do Brasil em sua modalidade.

A mielomeningocele é uma malformação congênita da coluna vertebral de crianças. Foram 13 cirurgias nos primeiros anos de vida para tentar corrigir as sequelas deixadas pela doença em Daniel Georgio Silva. Os resultados esperados não foram obtidos e os movimentos de suas pernas são mínimos. Daniel vive sobre uma cadeira de rodas, o que não impede o rapaz de 25 anos de trabalhar, praticar basquete adaptado e transmitir alegria por onde passa. Daniel joga basquete há 10 anos e faz questão de destacar que não trata o esporte apenas como lazer. É parte essencial de sua vida.

Sem Parar é um projeto experimental de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Com este livro-reportagem, a intenção é compartilhar com as leitoras e os leitores as histórias de vida dos perfilados de maneira humanizada, sem abandonar o sentimento e as impressões dos autores. As trajetórias retratadas no livro são parecidas com as de muitos brasileiros com deficiências, que lutam por mais políticas públicas de inclusão social no esporte e em outras áreas. Angelina, Ana Paula, Ivan, Jéssica e Daniel sofrem, batalham, vencem e seguem em frente. O esporte e a deficiência são os elos entre essas pessoas tão complexas e diferentes entre si. As entrevistas e as narrativas de *Sem Parar* foram planejadas e executadas com cuidado, para que fossem respeitosas com os perfilados e agradáveis aos leitores. Esperamos que seja uma boa leitura.

Pela Paixão e Pela Razão

Angelina Nascimento da Silva

Nos encontramos na Arena Caixa de Atletismo, em São Bernardo do Campo, em maio de 2016, quatro meses antes do início dos Jogos Paralímpicos no Rio de Janeiro. A Arena foi inaugurada em 2014 e construída em parceria pela Prefeitura local e pelo Ministério do Esporte. A obra fez parte do Plano Nacional de Treinamento para o maior evento esportivo já realizado em solo brasileiro. Após dois anos de intenso uso, tanto por atletas e paratletas de alto rendimento quanto por cidadãos da cidade, a Arena Caixa já demonstrava alguns sinais de desgaste, mas estava claramente apta para treinamentos de diversas atividades englobadas pelo atletismo.

Nossa entrevista havia sido marcada três dias antes e chegamos à Arena perto das oito da manhã do dia nove de maio. A essa hora, Angelina Nascimento da Silva já estava treinando há, pelo menos, quarenta minutos e nos pediu que esperássemos um de seus intervalos para, enfim, conversarmos. Enquanto aguardávamos, Angelina percorria a pista de atletismo incessantemente sobre seu triciclo cor de rosa e aparentemente muito pesado. Ela alternava entre um ritmo mais forte e outro mais leve. Em alguns momentos, seu compasso era prejudicado, já que, até determinado horário da manhã, a pista fica aberta ao público, que frequenta o local para caminhadas e corridas.

Após quase uma hora de espera, Angelina diminuiu gradativamente a velocidade do triciclo, encostou perto de onde estávamos sentados na arquibancada e nos chamou. Avisou-nos que pararia seu treino por um tempo e que poderíamos conversar. Perguntada sobre o lugar ideal para a entrevista, ela nos levou a um ponto menos movimentado da Arena, longe na arquibancada, mas, ainda assim, à beira da pista de atletismo. Com o gravador de áudio ainda desligado e Angelina nitidamente tímida, falamos sobre a incrível facilidade com que ela controla o triciclo pela pista. Ela logo ressaltou que a maior dificuldade tem sido a falta de uma luva apropriada e nos mostrou o improvisado que fez para proteger as mãos, com alguns pedaços de gesso. Também fez questão de dizer que não falta a um dia de treinamento e que aquilo que presenciamos era apenas o começo de um dia de trabalho duro. Muito mais ainda estaria por vir. Sentamo-nos no chão, mais perto da altura da cadeira de Angelina, e começamos a gravar a entrevista.

Angelina é natural de Guarabira, cidade interiorana da Paraíba e uma das mais populosas e importantes economicamente do estado. Logo aos oitos anos de idade, já trabalhava em uma fazenda, junto com seu pai João do Nascimento. Entre as atividades na fazenda, estavam o plantio de arroz, feijão, milho e algodão, e a colheita do capim *buffel*, que rendia algum dinheiro à família. Ainda em relação à infância, Angelina

lembra do enorme respeito que nutria por seus pais e da segurança que sentia ao brincar com suas duas irmãs mais velhas e com o irmão. “Esses dois aspectos estão completamente diferentes nos dias de hoje”, lamenta:

- Tinha mais segurança, não havia tantas drogas como agora e os filhos respeitavam pai e mãe. Hoje, a maioria não respeita.

Em Guarabira, Angelina estudou apenas até o fim do ensino fundamental, como era de praxe para as crianças da região, à época. O ensino médio só foi concluído quando ela se mudou para Salvador, na década de 1980. A mudança para a capital baiana, aliás, seria apenas momentânea, para cobrir as férias da babá que cuidava dos filhos da amiga Neuza. No entanto, Angelina se adaptou à cidade grande e há mais de 30 anos reside na primeira capital brasileira, onde nasceram seus três filhos, Raísa Daisy, Ivani e Augusto César.

Algum tempo depois da mudança para Salvador, Angelina conseguiu alugar sua primeira casa. Cozinha, banheiro e quarto eram aglutinados em pouquíssimos metros quadrados e, para dormir, ela estendia alguns jornais no chão, apenas para se proteger um pouco do frio. Mas, a satisfação por ter arrumado um lugar para morar não durou muito. No primeiro mês de aluguel veio também a primeira decepção: durante uma noite, enquanto Angelina dormia no chão forrado com algumas folhas de jornal, a casa ficou completamente alagada com a chuva.

- Quando eu acordei, eu estava dentro da água. Cheguei pra dona da casa, entreguei a chave e disse pra ela tirar toda a água até à noite, antes de eu voltar pra casa.

Acostumada com os imprevistos e as particularidades da vida numa metrópole, Angelina se sentia cada vez mais à vontade na capital baiana. Com o passar dos anos, ela trabalhou em diversos locais, conheceu gente importante e gente de quem não quer se lembrar. A primeira paixão de Angelina em Salvador foi também o pai de sua primeira filha, Raísa Daisy. Em alguns meses de relacionamento, Angelina se viu envolvida com o rapaz e os dois idealizavam juntos o futuro, até que Raísa nasceu, sem qualquer planejamento. O choque e a mistura de sensações que acompanham o nascimento do primeiro filho não vieram sozinhos. Angelina descobriu também que o homem com quem pretendia consolidar uma família era casado, e já era pai de outra criança. Angelina não deu ouvidos às promessas de amor eterno e de que ele se separaria da esposa para ficar com ela. Aceitou somente o que era de sua filha por direito, abandonou definitivamente o cafajeste e decidiu seguir em frente.

Para sustentar sua filha praticamente sozinha - já que o pai pouco cooperava -, Angelina acumulava três empregos diários e uma rotina pra lá de exaustiva. Fez isso durante um longo período. Ela saía de casa todos os dias às seis da manhã, deixava Raísa em uma creche administrada pela Igreja Católica e entrava no salão de beleza às sete, onde trabalhava até ao meio dia. Quando podia e tinha tempo, Angelina almoçava, caso contrário, não. Às 13h00, ela entrava em seu segundo serviço, como funcionária da Zona Azul de Salvador e trabalhava até às 20h00. Depois disso, partia para o mercado Superbox.

- Como a creche fechava às cinco horas da tarde, eu pagava minha vizinha para buscar a Raísa e cuidar dela. Eu chegava tarde da noite e pegava minha filha pra dormir comigo.

Angelina lamenta pelo pouco tempo que passava diariamente com a filha, mas sabe que era necessário. O bom dinheiro que ganhava pelos empregos na Zona Azul e no salão de beleza e as doações de alimentos que recebia por seu trato atencioso e gentil com os clientes do mercado garantiam para Angelina e Raísa uma vida simples e digna. Angelina conta que era a única funcionária mulher do Superbox e que se dedicava muito mais do que os homens:

- Eles só tiravam os carros dos clientes, mas eu não. O cliente chegava com aquele carrinho cheio de compras, eu ia lá, tirava as compras, pegava peso e colocava no carro. Além de me darem dinheiro, eles me davam pacotes de biscoito e de leite.

Com aquela rotina corrida, Angelina mantinha pouco contato com sua família. A mulher que saiu de sua cidade natal em busca de uma vida melhor e mais oportunidades, em uma grande capital, não queria contar para os familiares sobre suas dificuldades e muito menos pedir auxílio. Sempre acreditou que sua força de vontade e o amor por sua filha seriam - e foram - suficientes para encarar os problemas do dia a dia. Porém, um susto envolvendo a vida de Raísa abalou Angelina como jamais havia acontecido. Em uma manhã do ano de 1990, Raísa, então com seis meses completos de vida, acordou resfriada e Angelina decidiu não levá-la à creche nesse dia. Como não tinha telefone em casa, ela decidiu ir a um telefone público para avisar ao seu chefe que possivelmente faltaria ao trabalho e deixou Raísa sob os cuidados de uma vizinha. A essa altura, Angelina já havia se mudado para um apartamento quarto/sala, não mais estruturado do que sua antiga casa alugada. A vizinha, em um instante de distração, atirou o fósforo aceso com o qual acendeu um cigarro, no saco de lixo de Angelina, que estava repleto de plástico e cascas de alho e cebolinha:

- Pegou fogo na minha casa. O fogo chegou na mangueira do botijão de gás e minha filha estava lá dentro do quarto.

Por sorte, um vizinho percebeu a gravidade do problema, entrou na casa de Angelina e resgatou Raísa:

- Ele disse que ela tava batendo palma deitada na cama.

Quando Angelina voltou para casa, viu sua filha sã e salva, o que encheu seu coração de alívio e fé. Mais alguns segundos que Raísa passasse dentro da casa e a história poderia ter sido outra. Por outro lado, Angelina encontrou o apartamento destruído e tudo o que estava dentro queimado. Todos os seus pertences adquiridos em Salvador não existiam mais.

O episódio foi trágico mas, ao mesmo tempo, marcou uma mudança de rumos na vida da paraibana radicada na Bahia. Angelina moveu um processo judicial contra a empresa responsável pela produção do botijão de gás defeituoso. Após alguns meses de análise e perícia, a Justiça de Salvador determinou que a empresa ressarcisse todos os danos materiais sofridos por Angelina e ainda a indenizasse com um boa quantia em dinheiro. Em um primeiro momento, ela guardou o montante em uma conta poupança e continuou vivendo de aluguel, com três empregos fixos e ainda alguns bicos nos finais de semana, para completar a renda mensal. Em um desses empregos casuais e temporários, no Estádio Octávio Mangabeira, mais conhecido como Fonte Nova, o principal palco histórico do futebol baiano, Angelina conheceu um amigo, apelidado de Totó, que apresentou a ela um grande negócio. Totó indicou a Angelina um terreno que estava à venda por preço baixo e que poderia ser pago com a indenização relativa ao incêndio de seu apartamento. A princípio, Angelina foi reticente, pois seria um investimento inédito em sua vida. O amigo insistiu, ela amadureceu a ideia e decidiu adquirir sua primeira casa própria:

- Dei dois cheques, comprei um terreno, um barraco e caí pra dentro. Paguei tudo separado: cama, sofá, fogão, fiação, madeira. Paguei tudo e moro lá até hoje com a minha família.

Ainda falando sobre o tempo em que trabalhou no Estádio da Fonte Nova, Angelina lembrou de seu clube de coração, o Esporte Clube Vitória, e dos jogos que assistiu no antigo estádio, antes de sua demolição. A Fonte Nova foi inaugurada em 1951 e foi palco de grandes clássicos entre Vitória e Esporte Clube Bahia, os dois maiores clubes baianos, além de abrigar importantes partidas da seleção brasileira de futebol, nas décadas de 1980 e 1990. O estádio que pertencia ao Governo Estadual da

Bahia teve suas atividades encerradas em novembro de 2007, após o desabamento de uma parte da arquibancada durante o confronto entre Bahia e Vila Nova (Goiás), válido pelo Campeonato Brasileiro da série C. A tragédia provocou a morte de sete torcedores e deixou dezenas de feridos. Em 2010, a Fonte Nova foi demolida e uma Arena, com arquitetura e moldes modernos, foi construída em seu lugar para a Copa do Mundo de futebol de 2014. Para a edificação da nova Arena e o cumprimento de todas as exigências da Federação Internacional de Futebol, a FIFA, cerca de 2500 pessoas foram retiradas de suas casas e estabelecimentos comerciais nas redondezas do local. A Arena Fonte Nova ou Arena Itaipava, como hoje é chamada devido à venda de seus *naming rights*, recebeu seis jogos da Copa do Mundo de 2014 e dez jogos das Olimpíadas Rio 2016.

Em meio ao assunto futebolístico, contamos a Angelina que o Esporte Clube Vitória havia se consagrado campeão baiano pela vigésima oitava vez em sua história no dia anterior à nossa entrevista. Angelina sorriu, disse que não havia acompanhado o campeonato por conta da distância e se emocionou ao lembrar que seu filho, em Salvador, provavelmente estaria muito feliz pelo título do rubro-negro baiano.

Com a compra de seu próprio “barraco” - como gosta de falar - e muito suor, Angelina passou o segundo e terceiro anos da década de 1990 com mais segurança do que nos anos anteriores. Em 1992, enquanto o Brasil vivia o processo de *impeachment* de Fernando Collor - o primeiro presidente eleito de forma direta no Brasil após a Ditadura Militar e o primeiro mandatário latino americano “impeachmado” da história -, Angelina morava com a pequena Raísa Daisy em sua casa equipada com tudo o que era necessário para uma vida simples e honesta. Também foi naquele ano que Angelina começou a namorar José Carlos, seu atual marido, e engravidou de sua segunda filha. Os dois não são casados de papel passado e também não realizaram uma cerimônia na Igreja Católica, como gostaria a religiosa Angelina, mas, segundo ela mesma, isso não tem grande importância. O que realmente importa são os vinte e cinco anos dividindo o mesmo teto.

No ano seguinte, em 1993, nasceu Ivani, a primeira filha de Angelina ao lado de José Carlos. Ele mudou para a casa da esposa, ajudou a estruturá-la melhor e passou a contribuir com as despesas. A família e as obrigações com as filhas aumentavam, mas a renda doméstica e a sensação de que a vida estava no caminho correto também cresciam. Angelina se recorda com bastante alegria dos anos seguintes. Família constituída, filhas crescendo e estudando, harmonia em casa e tudo parecia estar como

deveria. Então, Angelina e José Carlos decidiram que não iriam ter mais filhos e ela realizou a laqueadura, uma cirurgia para interrupção da trompas. O procedimento serve como método de anticoncepção definitiva, já que é nas trompas que os óvulos encontram os espermatozoides. Tudo parecia caminhando normalmente, quando, de repente, surge um imprevisto. Dessa vez, apesar de ter sido pega de surpresa, Angelina recebeu a notícia com extrema felicidade. A operação - normalmente eficaz - não surtiu o resultado esperado e ela engravidou pela terceira vez. Angelina rememora com bom humor o momento em que desconfiou da gravidez:

- Eu não iria mais ter filhos, mas eu engravidei do menino, né. Eu percebi que estava toda gordinha e eu sou magrinha. Um amigo me disse, “ô Angelina, você tá toda larga, o que você tem, mulher?”. Eu disse que não sabia e fui lá fazer o exame. Quando saiu o resultado, eu estava grávida.

Meses depois, ela daria à luz o primeiro filho homem: Augusto César. O menino com nome de imperador romano é o caçula de Angelina e José Carlos e o xodó da família. Orgulhosa com a educação que conseguiu oferecer aos filhos, Angelina ressaltou diversas vezes que os três não só terminaram o ensino médio como também buscaram especializações. Raísa, a mais velha, é técnica de enfermagem e cursa graduação em Farmácia. Ela se casou e não mora mais com os pais. Já Ivani, hoje com 23 anos, pretende se casar neste ano e estuda Logística e Relações Humanas em uma escola técnica de Salvador. Augusto concluiu um curso técnico em Controle de Qualidade e é o responsável por cuidar da casa da família, já que o pai trabalha o dia todo em outra cidade. Angelina agora mora em São Bernardo do Campo e as duas irmãs já se mudaram. Quanto mais conversávamos, mais nítida ficava a saudade que Angelina sentia da família. A voz engasgada e o lacrimejar dos olhos não escondiam os sentimentos aflorados. Em todos os momentos complicados, foram os filhos e o marido que deram sustentação a Angelina e que sempre apoiaram todas as suas decisões e seus sonhos. Também são eles os motivos de todo o seu esforço e energia.

A vida de Angelina sofreria uma transformação irreparável e definitiva a partir de 2001. À época, Angelina ainda trabalhava para a Prefeitura de Salvador, como funcionária da Zona Azul. Em uma tarde chuvosa na capital baiana, Angelina se viu obrigada a atravessar uma rua completamente alagada, até a altura de sua cintura, durante um dia de trabalho. A forte chuva provocou uma enchente na cidade e o rompimento de um encanamento de esgoto. Parecia ter sido apenas uma experiência desagradável e preocupante pela falta de infraestrutura básica da cidade em pleno

começo de século XXI. Porém, no dia seguinte, quando se levantou para trabalhar, Angelina sentiu dificuldade para se manter em pé. Sentia fortes dores nas pernas. No mesmo dia vieram a febre, a sensação de indisposição e a enxaqueca. Sem convênio médico, Angelina logo procurou um hospital público, preocupada com os dias de trabalho que perderia. Os médicos não sabiam lhe dizer as causas dos sintomas e começaram a realizar alguns exames específicos. Depois de inúmeras consultas, filas em hospitais, espera nos corredores e poucas respostas, Angelina finalmente foi diagnosticada com polineuropatia:

- Eu não tinha convênio e fui levando aquela situação. Eu estava dia sim, dia não no hospital. Demorou em torno de três meses para descobrir. Não dá para descobrir fazendo ressonância. Tirando o líquido da coluna também não dá. Só descobre quando faz neuromiografia. Se o problema foi nos nervos, só esse exame mostra o que você tem.

A polineuropatia é uma doença neurológica que provoca a inflamação de múltiplos nervos e, em consequência, afeta a coordenação motora e o movimento dos membros. A doença pode ser causada pelo contato com substâncias tóxicas ou toxinas sintetizadas por bactérias, como no caso de Angelina. Mesmo com o diagnóstico definido, os médicos não explicavam a ela quais seriam as reais consequências em sua rotina. Angelina passou cerca de um ano internada no Hospital Santo Antônio, em Salvador, e todos os dias recebia a visita de uma psicóloga. Segundo Angelina, os funcionários do hospital repetiam que tudo ficaria bem e que ela recuperaria os movimentos das pernas. No entanto, a atividade de suas pernas diminuía progressivamente e a sensação era de que seus “músculos estavam rasgados”.

- Ninguém me falava a verdade. Todos os dias eu via a psicóloga e eu falava “por que todo dia você fica aqui conversando comigo? Por que você não fala logo a verdade?”. Eu estava no hospital para melhorar, mas eu só piorava. E eles me diziam que tudo daria certo.

A longa internação foi um martírio. Para uma mulher que estava acostumada com até três empregos diários, passar quase todo o tempo em uma cama e se locomover com uma cadeira de rodas ou com a ajuda de outra pessoa era extremamente doloroso. Quando saiu do hospital, Angelina ainda acreditava que os movimentos de seus membros inferiores voltariam. Não conseguir cozinhar e lavar as roupas de seus filhos atormentava mais Angelina do que propriamente a impossibilidade de andar. Ela contou com o apoio incondicional de Raísa, Ivani, Augusto, José Carlos e de alguns amigos.

Seus pais, já com idades avançadas, estavam em Guarabira e pouco podiam fazer pela filha. Suas irmãs moravam em São Paulo e também não tiveram muitas condições de auxiliá-la em sua recuperação. José Carlos, seu marido, passou a aceitar qualquer bico para incrementar a renda no final do mês e Angelina contou com doações de alguns amigos, que sempre eram bem vindas para colaborar no pagamento das despesas.

Como Angelina contraiu a doença durante o expediente de trabalho, causada por uma bactéria que se prolifera no esgoto, ela recebeu uma indenização de 14 mil reais, que foi gasta quase que integralmente com transporte para consultas e com medicações. Eram muitos comprimidos antibióticos e anti-inflamatórios por dia. Uma das maiores dificuldades era se locomover da cama para a cadeira de rodas sozinha. Angelina conta que, no início, caiu várias vezes e chegou a se machucar. Foram praticamente dois anos sem conseguir trabalhar e tentando se adaptar às suas tarefas diárias.

- Como eu ia estender as roupas dos meus filhos? Eu não tinha máquina de lavar. Gastei todo o dinheiro em medicação. Eu lavava as cobertas sentada no chão, com uma mangueira. Nunca deixei meus filhos sujos. Eu me queimava todos os dias cozinhando. Eu derrubava a comida e me queimava, eu não tinha muita técnica.

Angelina percebeu que estava entrando em depressão. Ela sabia que apenas o dinheiro ganho por José Carlos e as doações de amigos não eram suficientes. Preocupada com os filhos e decidida a retomar a sua vida, Angelina pediu para um amigo cadeirante que lhe ensinasse a usar o transporte público. Com uma cadeira de rodas pesada e de metal, disponibilizada pelo hospital, Angelina até conseguiu subir no ônibus, mas, na hora da descida, caiu e se lesionou gravemente. Ficou com os braços e as pernas completamente ralados. Com medo de que sua família não a deixasse mais sair de casa, Angelina não contou imediatamente a ninguém sobre o acidente e passou a usar roupas que cobriam todos os machucados. A grande quantidade de remédios que ela tomava por conta da doença ajudou na cicatrização das lesões e logo Angelina saiu de casa novamente, determinada a retornar ao seu trabalho:

- Eu pedi muita força a Deus e fui para a luta. Deus me abençoou, eu peguei minha cadeira de rodas e voltei a trabalhar. Eu pensei que, se eu fosse atropelada trabalhando, aquela seria minha história. E seria com muita honra, muita dignidade, para não deixar meus filhos passando dificuldade. Aí eu encarei a vida.

Mulher, negra e cadeirante, Angelina reconhece que sofreu com diversas formas de preconceitos ao longo de sua vida. No entanto, foram poucos episódios de discriminação explícita. Ela acredita que o racismo, na maior parte dos casos, aparece

de maneira velada, encoberta. Só compreende quem realmente sofre com a intolerância. Angelina ressalta que a falta de acessibilidade e funcionalidade dos serviços públicos e privados para deficientes também são discriminatórios:

- Às vezes, eu quero comprar uma roupa numa loja, num mercado e não consigo. Se você entra numa loja com sua namorada, sua irmã, sua mãe, elas vão chegar, olhar pro vestido, tirar do varal e vão lá pro provador. Na maior parte dos lugares, eu não tenho um provador adaptado para mim. Se você vai ao banco, e tem seus passos, você roda a roleta e entra. Mas agora eu tenho que esperar a boa vontade do gerente para abrir a porta para mim.

A volta ao trabalho foi importante para que Angelina recuperasse sua independência e sua auto estima. Porém, houve outro fator fundamental para esse processo: o esporte. Wilson, o mesmo amigo cadeirante que a amparou em seu primeiro deslocamento em transporte coletivo público, após o acidente, vivia insistindo para que ela tentasse alguma prática esportiva. Angelina não se sentia suficientemente confiante para o desafio e não aceitou as primeiras propostas do amigo. Até que, um certo dia, Wilson falou de uma corrida sobre cadeiras de rodas que ocorreria em Salvador. Seriam dois quilômetros e meio de percurso nas ruas da cidade. Angelina se animou com aquela nova sugestão e se inscreveu para a corrida. Ela fora instruída a participar da competição por seu médico, que lhe advertiu sobre o caráter degenerativo de sua doença. Angelina descobriu que também poderia ficar sem os movimentos de seus membros superiores, caso eles não fossem estimulados. Ainda que controlando sua cadeira pesada e pouco apropriada, ela passou por cima da falta de mobilidade e completou o trajeto em segundo lugar. Embora tenha sido sua primeira prova, ela conta que se sentiu decepcionada por não conseguir a primeira colocação e se comprometeu consigo mesma a treinar para uma próxima competição. Mesmo que ainda não soubesse, Angelina havia descoberto uma paixão que lhe acompanharia pelos quinze anos seguintes.

A partir daquele dia, Angelina se dedicou intensamente ao paradesporto. No começo, seu marido a acompanhava em todos os treinamentos, com medo de que uma queda ou alguma eventualidade a prejudicasse. Pelo contrário. Aos poucos, toda a família percebeu que a prática esportiva estava trazendo enorme benefício a ela. O orgulho de si mesma e as pretensões de Angelina eram cada vez maiores. Vieram as provas seguintes e as primeiras premiações e Angelina percebeu que era talentosa e tinha o domínio total dos movimentos da cadeira. Alguns meses depois da primeira

prova, Angelina já se sentia confortável com seu corpo e contava para seus amigos e familiares sobre suas conquistas esportivas.

Também vieram as competições notáveis e algumas fora da Bahia, como a Meia Maratona do Rio de Janeiro, umas das mais marcantes de sua vida, embora tenha sido no começo de sua trajetória como paratleta. Angelina se planejou e juntou dinheiro para pagar a inscrição e as passagens de ida e volta. Ela chegou ao Rio ainda com sua cadeira de ferro, cedida pelo hospital. Para sua surpresa, disseram que ela não poderia participar da corrida. Sua cadeira de rodas não era a ideal e ela não possuía um capacete, equipamento de segurança obrigatório. Foi então que Angelina pediu um capacete emprestado a um motociclista que acompanharia a prova como espectador e exigiu que lhe deixassem competir, pois aquela era sua única cadeira e a inscrição estava quitada. Os organizadores da competição aceitaram, mas com uma condição: ela teria que usar o capacete por pelos menos cinco dos vinte e um quilômetros. Angelina disputou os cinco mil metros iniciais com a visão extremamente limitada, era possível enxergar apenas os primeiros metros à sua frente. Depois de cumprir a imposição feita pela organização, Angelina tirou o equipamento e completou a prova em primeiro lugar. Devido à falta de luvas, suas mãos estavam feridas e ensanguentadas, mas, naquele momento, nada importava. Angelina era a nova campeã da Meia Maratona do Rio de Janeiro.

Junto com os bons resultados, cresceram a competitividade e a gana de Angelina. Os treinamentos se intensificaram e, para conciliar com seu trabalho e outras atividades cotidianas, Angelina passou a praticar atletismo durante as madrugadas. Ela acordava às três horas da manhã e partia com sua cadeira de rodas para as ruas de Salvador. Angelina procurava sempre as avenidas mais movimentadas, o que deixava a família mais tranquila. Em cada noite de treinos, eram, no mínimo, vinte e um quilômetros percorridos, exatamente a extensão das meia maratonas. Quando o foco era uma prova de dimensões maiores, Angelina percorria entre quarenta e cinquenta mil metros por noite. Terminado o esforço físico, ela voltava pra casa e se preparava para mais um dia de trabalho. Além das ruas da capital baiana, Angelina se acostumou a frequentar a Universidade Federal da Bahia para executar seus exercícios. Havia algumas pistas mais bem projetadas na cidade, mas todas eram particulares e ela não conseguia permissão para usá-las. No entanto, nem todas as madrugadas dedicadas ao esporte terminavam como Angelina esperava. Ela percebeu por experiência própria que a falta de locais adequados para a prática esportiva somados à pouca acessibilidade das cidades brasileiras representam grande risco aos cadeirantes. Durante uma noite de

treinamento, Angelina foi surpreendida por um carro que transitava por uma via proibida. Ela escapou do atropelamento, mas não de todas as consequências:

- Estava chovendo. Um carro veio na minha direção e eu estava descendo a ladeira. Eu desviei e a cadeira voou. A cadeira deu uma porrada tão grande no portão do rapaz que ele viu de lá de cima e veio me socorrer. Eu tava cheia de sangue, sem camisa, presa e só pedia água. A mulher dele tava grávida e não conseguiu ajudar. O rapaz me pegou nos braços, botou dentro de um carro e me levou pro hospital. Eu só não queria que ele ligasse pra minha família pra não assustar ninguém. A minha mão ficou uma bola, porque o impacto foi nela. Ele me levou em casa, minha filha ficou muito mal, foi pra faculdade chorando muito e eu fiquei na cama. Sempre que eu saio com a cadeira, eu sei que posso não voltar mais.

Em 2006, já acostumada com a cadeira de rodas e com as competições de rua, Angelina conseguiu seu primeiro título de expressão nacional. Angelina Nascimento da Silva se consagrou campeã da 82ª edição da Corrida Internacional de São Silvestre, a mais tradicional maratona de rua brasileira, realizada no último dia de cada ano, na cidade de São Paulo. Angelina foi a única cadeirante mulher a completar a prova em 2006. Aliás, ela é uma das pioneiras em maratonas para cadeirantes no Brasil e cruzar a linha de chegada sozinha se tornou rotina em determinado momento de sua trajetória. Hoje, Angelina é respeitada e reconhecida por suas adversárias em praticamente todas as competições e ela acredita que a troca de ideias e experiências com as mais jovens é essencial. Sem falsa modéstia, Angelina afirma que contribuiu muito para o desenvolvimento da modalidade no Brasil, principalmente por sua determinação e foco. Ela é fundadora de algumas provas para cadeirantes, como a Maratona de Porto Alegre e a Maratona de Foz do Iguaçu. A competição paranaense é uma das mais especiais para Angelina. O circuito é complexo e o cenário belíssimo, em uma cidade brasileira limítrofe com municípios da Argentina e do Paraguai:

- É a prova mais difícil do Brasil. Tenho muito orgulho de ter esse troféu. É uma maratona tremenda, em cima de um morro, metade Brasil, metade Argentina. São vinte e sete subidas, poucas pessoas conseguem competir lá. O meu troféu é uma pedra de gelo, a coisa mais linda. Eu fiquei muito orgulhosa.

Os treinamentos, as viagens para competir, os pódios e os prêmios se tornaram quase que ritualísticos para Angelina. O esporte havia se tornado um fragmento importantíssimo de sua vida. Um fragmento sem o qual Angelina não conseguia - e não consegue - mais se imaginar. Em 2007, mais uma medalha de ouro na São Silvestre,

assim como em outras competições. No ano seguinte, mais títulos, progressos na vida pessoal e um sonho que já não parecia tão distante: viver e se sustentar por meio do esporte. Angelina já havia deixado seu emprego e se dedicava integralmente ao paratletismo. Foi também nesse período que Angelina conseguiu seu primeiro triciclo adaptado para provas de velocidade, uma recompensa da Prefeitura de Salvador por conta de seu alto rendimento em competições por todo o Brasil. Com um equipamento mais apropriado para o esporte, Angelina conseguiu se aproximar ainda mais dos resultados de suas oponentes, apesar de sua idade bem avançada em relação a das demais.

Foi então, em um dos melhores momentos de sua vida, que o destino - como Angelina prefere acreditar - lhe pregou uma peça. Sua vida desmoronou por alguns instantes. Angelina estava em Belo Horizonte, preparada para a disputa da Volta da Pampulha, clássica corrida de rua mineira, e recebeu uma ligação de seu marido. O calendário mostrava dia dois de fevereiro de 2009, data em que se comemora o dia de Iemanjá, a “Rainha do Mar”. Apesar de não ser devota do candomblé, Angelina sempre acreditou em alguns orixás. Em Iemanjá, em especial. Ao telefone, José Carlos lhe deu a pior notícia que já recebeu. Sua mãe, Júlia Nascimento da Silva, havia sido assassinada em Guarabira, sua cidade natal. Após passar por uma cirurgia para o implante de um marca-passo em seu coração, Júlia Nascimento repousava no sítio da família em Guarabira. Quando o pai de Angelina, João do Nascimento, retornou do trabalho ao sítio, encontrou sua esposa morta a facadas e com um golpe de machado na cabeça. As investigações sobre o autor e a motivação do crime estão em curso há oito anos e nada de conclusivo foi descoberto até hoje. Assim que recebeu a triste informação, Angelina desistiu da competição e partiu de Belo Horizonte para Guarabira. Ela esperou que suas irmãs chegassem de São Paulo para que o corpo de sua mãe fosse velado e enterrado. No dia do sepultamento, Angelina prometeu a si mesma que não abandonaria o esporte e que, dali em diante, toda sua dedicação e vontade de viver seriam em homenagem à sua mãe:

- Eu lutei muito, muito mesmo. Esses últimos sete anos da minha vida foram bem vividos e em nome da minha mãe. Perder minha mãe foi a pior dor da minha vida. Hoje, cada dia, cada momento, eu tenho muita força de vontade devido a ela.

E Angelina cumpriu a promessa. A “baiana de coração” estabeleceu quase que uma hegemonia em um período de seis anos na Corrida Internacional de São Silvestre. Além dos títulos em 2006 e 2007, Angelina foi medalha de ouro nas edições de 2009,

2010 e 2011. Ela também obteve bons resultados nas meia maratonas de Aracajú, Maceió, São Paulo e Bahia, assim como nas maratonas de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. Ainda na capital paulista, foi campeã do Troféu Cidade de São Paulo e, em Salvador, da Corrida Riachuelo.

Nos últimos cinco anos, Angelina se especializou também em provas de pista, como os 5000, 1500 e 800 metros e também em provas rápidas, como 100 e 200 metros. Dessa maneira, Angelina pôde expandir a gama de competições das quais participa e traçou alguns objetivos em sua carreira no paradesporto. Mesmo consciente das dificuldades e da forte concorrência, ela decidiu que buscaria uma vaga nos Jogos Olímpicos Rio 2016 e uma bolsa do Governo Federal para que ela pudesse contribuir mensalmente com as contas da família e investir em aparelhos de melhor qualidade para a prática esportiva. Em 2014, Angelina foi convidada pela Prefeitura de Mogi das Cruzes para integrar a delegação que representaria a cidade nos Jogos Abertos do Interior. Na maior competição poliesportiva da América do Sul, que conta com diversos atletas brasileiros de elite, Angelina subiu ao pódio nas provas de 100, 200 e 800 metros rasos.

Com tantas conquistas em sua caminhada como paratleta e uma rara história de vida, Angelina se fez conhecida por competidores e treinadores em todo o Brasil. No começo de 2016, ela recebeu um convite para treinar em São Bernardo do Campo, cidade do ABC paulista com grande tradição esportiva e com uma das melhores estruturas para treinamentos de atletismo no Brasil. Edelson Moreira, técnico em São Bernardo, acompanhou a carreira de Angelina durante anos e ofereceu a ela a oportunidade de treinar na Arena Caixa, centro de treinamentos inaugurado em 2014 pela prefeitura local em parceria com o Governo Federal. Angelina se empolgou com a ideia, mas não tinha dinheiro para viajar de Salvador a São Bernardo, tão pouco para se estabelecer na cidade paulista. Foi quando Peralvia, amigo e antigo treinador de Angelina na capital baiana, resolveu intervir e conseguiu um dinheiro para que ela pudesse viajar e se manter em São Bernardo do Campo por alguns meses. Ainda precisando de um teto para morar, Angelina ligou para suas irmãs que residem em São Paulo e uma de suas sobrinhas concordou em lhe acolher em sua casa. Angelina não pensou duas vezes. Com o amparo de seus filhos e marido, ela entrou em um ônibus rumo ao mais populoso estado na nação, para encontrar sua sobrinha.

Quando nos encontramos, em maio de 2016, Angelina já treinava em São Bernardo há cerca de sessenta dias e ainda morava, temporariamente, na casa de sua

sobrinha em São Paulo. Além do desconforto e da falta de privacidade por morar na casa de uma família com a qual não estava acostumada, Angelina ainda lidava com uma desgastante rotina para chegar à Arena Caixa em São Bernardo do Campo. Ela acordava todos os dias às quatro da manhã para pegar o primeiro ônibus. Eram oito conduções diárias. Enquanto conversávamos sobre a nova fase de sua vida, longe da família, Angelina novamente não conteve a emoção. Por mais que ela valorizasse a oportunidade recebida em São Bernardo, era impossível não sentir falta de sua vida em Salvador. As praias, a alegria do povo baiano... Todas as ausências eram sentidas:

- Até que agora eu tô segurando um pouco, mas já chorei muito, fiquei um mês todo chorando. Aqui o pessoal é muito complicado. Em Salvador o pessoal é mais alegre, o sorriso de todo mundo é maravilhoso. Lá, alguém já teria me ajudado a encontrar uma casa mais próxima da arena de treinos.

A cada dia de treinamento na Arena Caixa ela dá, pelo menos, oitenta voltas na pista de atletismo, seguidas dos arremessos de peso e lançamentos de dardo, duas modalidades apresentadas a ela pelo novo técnico, Edelson. Com o treinamento de Edelson, a quem Angelina é muito grata e não cansa de tecer elogios, ela melhorou ainda mais seu rendimento. As seletivas para as Paralimpíadas estavam chegando e Angelina nutria a esperança de atingir índices classificatórios para o lançamento de dardo na categoria F54, e para os 5000 metros rasos na categoria T54, ambas para cadeirantes com sequelas de poliomielite, lesões medulares ou amputações. Mesmo com equipamentos bem melhores do que os anteriores, Angelina ainda não tinha os recursos necessários para se igualar às outras competidoras. Ela condicionava sua classificação para os Jogos Rio 2016, na prova de cinco mil metros, à obtenção de um novo triciclo, já que o seu pesa duas vezes mais do que os de suas adversárias.

Meses mais tarde, divulgada a lista completa dos representantes brasileiros nas Paralimpíadas, percebemos que o nome de Angelina não estava incluído. Seu sonho olímpico não se concretizou, assim como seu desejo por uma cadeira mais leve, de fibra de carbono. Nada disso, no entanto, fez com que Angelina desistisse do esporte. Ainda havia e ainda há objetivos pela frente, como a bolsa atleta do Governo Federal. E, mais do que isso; Angelina pratica esportes para sobreviver, para manter seus membros superiores ativos e em movimento. A promessa que fez após a morte de sua mãe durará eternamente, ela faz questão de afirmar, assim como pulsará para sempre sua paixão pelo esporte.

- Eu passei a ter um pacto pela minha vida no esporte. Sem o esporte, eu perderia meus braços. O esporte me educou, me deu independência. Tudo o que eu conquistei nos últimos anos foi graças ao esporte paralímpico.

Movida a Bom Humor e
Autoconfiança

Ana Paula Rosa Castelvi

Em poucos momentos de nossa conversa, Ana Paula abandonou seu bom humor. A sul-mato-grossense de vinte e três anos é dona de um sorriso contagiante e se comunica sempre com leveza e eloquência. Conversamos cerca de duas horas em uma cafeteria do São Bernardo Plaza Shopping, sentados em um canto escuro e silencioso, sem que ninguém nos incomodasse. Pudemos conversar sobre infância, família, relação com o esporte e objetivos para o futuro.

Nós conhecemos Ana Paula Rosa Castelvi enquanto acompanhávamos uma sessão de treinamentos do professor Edelson Moreira, na Arena Caixa, em São Bernardo do Campo. Técnico de atletismo das equipes ONG Força no Pé e Associação de Pais, Amigos e Deficientes Visuais, Edelson nos alertou para o enorme potencial de Ana Paula. Às vésperas dos Jogos Paralímpicos Rio 2016, ela estava treinando em altíssimo nível para as provas de 100 metros rasos, salto em distância e lançamento de dardo. Sua participação nas Paralimpíadas não se concretizou devido a uma forte gripe que lhe atacou justamente na semana da seletiva final. Debilitada pela febre e pelas dores de garganta, Ana Paula não atingiu os índices classificatórios.

Solícita, desde nossa primeira abordagem, Ana Paula concordou em nos encontrar no mesmo dia, no final da tarde, logo após o seu treino. Optamos pela cafeteria por se tratar de um lugar calmo e perto da Arena Caixa. Enquanto caminhávamos juntos até o local da entrevista, era impossível não notar que os olhares do público presente no shopping se dirigiam à Ana Paula e ao seu namorado Ademar. Ana Paula é deficiente visual e enxerga de maneira limitada e lateral. As pupilas de seus olhos ficam a maior parte do tempo estacionadas em uma posição pouco habitual, o que as deixa em evidência. Ademar de Souza é deficiente físico e os ossos de seus membros superiores apresentam deformações. Ana Paula explica que, por conta de sua visão lateral, já foi vítima de condutas mal-intencionadas em diversas ocasiões, como quando pede informações para alguém na rua, por exemplo. Isso ocorre por acharem que ela desfere “olhares tortos” para as pessoas, ela explica.

Já na cafeteria, Ana Paula se empolgou com a ideia de se tornar personagem de um livro e garantiu que, por mais que ainda não tenha terminado o Ensino Médio, pretende retomar os estudos brevemente, para ingressar em uma universidade e cursar Educação Física. A pausa nos estudos se deu por conta de sua dedicação ao esporte de alto rendimento. Em 2013, quando saiu do Mato Grosso do Sul e foi para São Bernardo em busca de melhores condições e estrutura para treinamentos, Ana Paula abdicou da vida escolar.

Nascida em cinco de janeiro de 1994 em Sete Quedas, um município com menos de doze mil habitantes fundado em 1980, ela viveu em sua terra natal por pouco tempo. Ana Paula é filha de pais dependentes químicos e que não puderam, por determinação da Justiça, criá-la. Sua mãe morava na rua e era usuária de drogas e o pouco dinheiro que ganhava era com a prostituição de seu corpo. Seu pai era alcoólatra e demonstrou, à época, não ter as condições necessárias para cuidar de uma criança recém-nascida. Durante a gestação, seus pais não realizaram os exames de pré-natal e Ana Paula nasceu com toxoplasmose congênita, uma doença que afeta humanos e outros mamíferos e que é causada pelo protozoário *Toxoplasma gondii*. Quando detectada no período de gravidez, a doença pode ser tratada adequadamente e seus danos podem ser atenuados. Como a toxoplasmose de Ana Paula só foi diagnosticada após o seu nascimento, as sequelas se mostraram irreversíveis. Desde de que veio ao mundo, ela enxerga apenas lateralmente e possui 10% de visão. Malformações como neuropatias e oftalmopatias são comumente identificadas em crianças contaminadas pelo protozoário no período de gestação.

Míria, irmã de Ana Paula por parte de pai, preocupada com a saúde da caçula, sugeriu a um casal de amigos que adotassem a pequena menina. Como o casal se encontrava com dificuldades para conceber um filho, acolheram a ideia com carinho e prontamente tomaram as medidas legais para a adoção da criança. A situação se resolveu de maneira rápida e, ainda em seus primeiros meses de vida, Ana Paula se mudou com os pais adotivos para Dourados, uma cidade com dimensões maiores e também localizada no Mato Grosso do Sul. A nova família logo procurou médicos especializados para o tratamento da toxoplasmose. Os danos eram irreparáveis, mas as intervenções médicas imediatas foram cruciais para que Ana Paula continuasse com o percentual de visão que lhe restou:

- Logo depois que meus pais me adotaram, já começaram com o tratamento para não piorar. Eu ia direto em oftalmologistas, fazia bastante exame de sangue, porque não teve nada do pré-natal. Eu corria risco de ter pegado outras doenças. Alguns médicos falavam que eu não ia andar, não ia fazer nada, mas, com o passar do tempo, não aconteceu nada daquilo que eles falaram.

Maria Auxiliadora e Vanderlei Pereira, os pais adotivos de Ana Paula, representam uma minoria entre as famílias interessadas em adoção de crianças e adolescentes no Brasil, já que escolheram uma menina com toxoplasmose e baixa visão. Em fevereiro de 2014, foi sancionada a Lei nº 12.955/14, que prevê prioridade de

tramitação aos processos de adoção de crianças e adolescentes com doenças crônicas e deficiência física ou mental em solo brasileiro. Mesmo com o incentivo, nos dois primeiros anos de vigência da Lei, cerca de 70% dos pretendentes se mostraram contrários à adoção de deficientes e doentes crônicos. Em 2014, foram adotadas 149 e, em 2015, 143 crianças e adolescentes que se enquadram nessas características. Antes da sanção da Lei, o quadro era ainda pior. Menos de 100 crianças na mesma situação eram adotadas por ano no Brasil.

Mesmo que a visão limitada lhe atrapalhasse em algumas atividades, os pais de Ana Paula não restringiam suas brincadeiras de infância e ela se divertia normalmente com as crianças de sua idade que moravam em seu bairro. Seus passatempos prediletos eram pega-pega e esconde-esconde, visto que sua habilidade para corridas era notável desde muito pequena. Inclusive, nas ocasiões em que praticavam esportes como basquete, os amigos gostavam de tê-la por perto, por conta de sua velocidade e desenvoltura. A impossibilidade de andar de bicicleta na rua, no entanto, sempre foi uma frustração. Seus amigos ensinaram como se fazia e ela aprendeu corretamente, mas o medo de colisões e atropelamentos impediam Ana Paula de praticar com as outras crianças:

- Muitos pais são superprotetores com os filhos deficientes, mas os meus não eram não, me deixavam brincar sempre. Andar de bicicleta que era difícil. Eu gostava muito, eu via as crianças e ficava pensando “poxa, por que me ensinaram se eu não posso andar?” Eu caía, mas eu conseguia andar.

Na escola, contudo, o cenário não era tão alegre quanto o das brincadeiras de rua. Ana Paula nunca frequentou colégios de Educação Especial ou institutos especializados para deficientes visuais. Ela sempre estudou em escolas regulares, desde os seis anos de idade. Segundo Ana Paula, os professores não eram suficientemente preparados para trabalhar com deficientes e as dificuldades para acompanhar as aulas eram imensas. Era necessário que algum amigo mais próximo a ajudasse com os textos escritos na lousa, já que, apesar de seus pedidos e esforços, os professores não aumentavam o tamanho das letras para que ela pudesse enxergar. Em determinado momento, Ana Paula até recorreu ao uso de óculos e lupa, mas o resultado não foi satisfatório. O ambiente também era pouco acessível para deficientes e Ana Paula só se divertia nas aulas de Educação Física. Se a maior parte das pessoas encara e sofre com gozações maldosas na infância, a sul-mato-grossense experimentava essa sensação com ainda mais frequência. Ela lidava todos os dias com ofensas e piadinhas proferidas pelas

outras crianças, principalmente até o início de sua adolescência. Apelidos como “cegueta” e “vesguinha” eram criados aos montes. Porém, o que mais entristecia Ana Paula não era o comportamento de seus colegas de escola e, sim, o dos professores e diretores. Segundo ela, os profissionais percebiam as provocações e não repreendiam os alunos:

- Eu sofri muito bullying, foi bem complicado, mas é aquela coisa né, você deixa passar. Vai fazer o quê? Não dava para brigar com todos que falavam uma coisa ou outra, então tinha que deixar passar. O mais triste é que os professores viam e não faziam nada, sabe? Outra coisa dura era quando os professores esqueciam de ampliar a prova. Eles perguntavam se tinha como dar um jeitinho. Que tristeza. Que jeitinho eu ia dar?

Mesmo com todos os embaraços vivenciados durante esse longo período, Ana Paula ainda acredita que as escolas regulares sejam os melhores ambientes possíveis para deficientes físicos e intelectuais. Ela considera que os profissionais devam ser capacitados e o ambiente adaptado, para que todos se sintam inseridos na sociedade.

Os institutos de ensino para cegos, popularizados no século passado e ainda existentes em algumas cidades brasileiras, são moldados para uma educação exclusiva aos deficientes. Por outro lado, são extremamente segregatórios. Normalmente, nessas instituições, os alunos ficam confinados e só têm contato com os familiares aos finais de semana. Parte das práticas realizadas e propostas pelos institutos são incompatíveis com o mundo exterior. Como consequência, alunos escolarizados nesses locais frequentemente têm resistência e sofrem para se readaptarem à realidade externa. Para uma educação verdadeiramente justa e inclusiva, a sociedade - e o ambiente escolar - precisa se qualificar para oferecer aos deficientes todos os serviços necessários para uma vida agradável e com igualdade de acesso aos recursos disponíveis à comunidade.

Aos onze anos de idade, Ana Paula acompanhou o nascimento de sua única irmã na família adotiva, Vitória Gabriela. Sua mãe tentou engravidar por mais de uma década e chegou a acreditar que nunca conseguiria. Ana Paula lembra da alegria com que sua numerosa família em Dourados recebeu a notícia e afirma que não sentiu ciúmes. Sua relação com Vitória sempre foi muito afetuosa. Com Míria, sua irmã biológica, Ana Paula manteve um vínculo próximo durante a infância e a adolescência, mas elas já não se veem e não conversam há anos. Ana Paula não encontra seus pais biológicos desde os seus cinco anos de idade. Seu pai faleceu e ela nunca mais soube de sua mãe.

Três anos após a euforia pela chegada de Vitória Gabriela, Ana Paula e toda a família foram surpreendidos por um lastimável e avassalador choque emocional. Maria

Auxiliadora, mãe das duas meninas, cuidou minuciosamente de todos os preparativos para o terceiro aniversário de Vitória. No dia da festa, Maria percebeu que havia sido vítima de um golpe e, desesperada, sofreu uma crise de pressão alta seguida por um aneurisma cerebral. Depois de dez dias de internação, Maria Auxiliadora entrou em coma e morreu. Ana Paula, Vitória e Vanderlei, acostumados com o zelo e o carinho de Maria, passaram por um período de extrema tristeza. O amor e a união, sempre imperativos na família, foram fundamentais para que eles se estruturassem e conseguissem superar a irremediável perda. Ana Paula assumiu responsabilidades além daquelas com as quais estava habituada e colaborou na criação de sua irmã:

- A nossa família sempre foi muito unida, isso ajudou muito. Meu pai trabalhava, fazia as coisas, mas não sabia trocar uma fralda, dar um banho. Para mim era tranquilo, então eu ajudava. Principalmente naquela hora, né? Minha mãe sempre falou “cuida da sua irmã, se alguma coisa acontecer comigo, você já sabe”. Então, sempre foi a gente dando um jeito, algumas tias também... O resto da família não foi totalmente presente, mas a gente se virava bem.

Foi justamente naquele momento, o mais melancólico de sua vida, que Ana Paula teve o primeiro contato efetivo com o esporte. A menina que gostava de correr e brincar como qualquer outra criança sempre ouviu que tinha talento para o desporto, apesar de nunca ter dado bola. Ana Paula tinha o costume de assistir às mais diversas competições esportivas pela televisão, mas não se imaginava no lugar dos atletas de elite. Após a morte de sua mãe, a escola de Ana Paula cedeu algumas semanas de descanso para que ela pudesse se recuperar e passar um tempo com seu pai e sua irmã. Foi, então, em sua volta às aulas, que sua professora de Educação Física lhe indicou um treinador de atletismo. Entristecida pela perda da mãe e inquieta pelo tempo que passou dentro de casa, Ana Paula decidiu experimentar a sugestão de sua professora para se distrair. A ótima relação entre Ana e a educadora também foi importante para que o convite fosse aceito:

- Eu ainda estava bem cabisbaixa. A professora chegou em mim e me contou sobre o Toninho, esse técnico que tinha um projeto de atletismo para deficientes. Ela disse que achava interessante, pela fase que eu estava passando, começar algo para me motivar e eu me convenci.

Logo em seus primeiros treinamentos, Ana Paula mostrou para si própria que realmente era talentosa. Se ninguém duvidava, ela ainda tinha algum receio. A menina de quatorze anos pegou gosto pelo esporte e começou a praticar atletismo todos os dias.

Os conselhos de seu treinador e os excelentes resultados nas competições iniciais instigaram e estimularam ainda mais Ana Paula que, rapidamente, se classificou para seu primeiro campeonato fora do Mato Grosso do Sul. Seria a primeira vez que ela sairia de seu estado. Ana Paula embarcou para Brasília para a disputa de uma etapa do Campeonato Nacional de Atletismo, patrocinado pela Caixa Econômica Federal. Competindo pela Associação Driblando as Diferenças (ADD), comandada por seu técnico, Ana Paula disputou as provas de 100 e 200 metros rasos, além do salto em distância. Para a surpresa dos outros competidores, que pouco a conheciam, Ana Paula subiu ao lugar mais alto do pódio nas três provas e se encheu de orgulho:

- Eu treinava todo dia, de segunda a sábado. Às vezes eu competia de domingo também, não tinha problema. Domingo cedinho eu tava lá, de sol a sol. Eu me dediquei muito.

Como se as três medalhas de ouro não fossem o bastante, após a competição nacional, Ana Paula recebeu um prêmio ainda maior. Assim que desceu do seu terceiro pódio em Brasília, Ana Paula foi chamada a uma salinha. A princípio, ela se assustou por não entender o que estava se passando e ouviu alguns elogios sobre o seu trabalho. Logo veio o esclarecimento: ela estava convocada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro para disputar os Jogos Parapan-Americanos Juvenis de Bogotá. A alegria e o entusiasmo se multiplicaram e ela voltou para Dourados com uma história que nunca imaginou que fosse contar a seu pai e sua irmã:

- Nossa, eu, tipo, não acreditei, né? Foi a primeira competição. Foi aquela felicidade. Para mim, para minha família, para todo mundo. Eu só fui acreditar de verdade quando recebi o documento oficial do Comitê três dias depois. Tava escrito assim: “Ana Paula, precisamos que você nos envie tamanho de uniforme e tênis, para você competir fora do Brasil com a gente”.

Antes de receber a convocação, Ana Paula nem mesmo sabia da existência do Parapan-Americano Juvenil. Ela havia viajado a Brasília para competir simplesmente porque lhe fazia bem, lhe divertia e lhe ocupava a cabeça. Seu único objetivo era repetir o desempenho dos treinos. Enquanto nos contava sobre o episódio, Ana Paula se levantava do sofá pequeno e alto onde estava sentada na cafeteria e espremia seu namorado Ademar contra a parede. Sentados à frente do casal, em cadeiras igualmente altas, nós nos encantávamos com o relato puro e espontâneo. O deleite por falar daqueles instantes vividos há mais de sete anos continuava intenso. Os momentos em que recebera a convocação e a carta do Comitê Paralímpico continuavam intactos dentro de Ana Paula. A menina que começou a correr para esquecer a morte da mãe por alguns

minutos, disputaria uma competição em outro país, vestindo o uniforme da Seleção Brasileira.

Os meses de espera até os Jogos Parapan-Americanos Juvenis foram longos para Ana Paula. Na verdade, pareciam anos. Quando outubro de 2009 finalmente chegou, a ansiedade veio arrasadora de carona. Ana Paula se despediu dos pais e partiu para a Colômbia, em sua debutante viagem internacional. Aos quinze anos de idade, ela era a atleta mais jovem, o xodó da delegação brasileira. E a ficha só caiu totalmente no segundo em que Ana Paula entrou no estádio olímpico em Bogotá para a abertura dos Jogos. Trajada de verde e amarelo, ao lado de uma delegação integrada por centenas de pessoas entre atletas e comissões técnicas, Ana Paula estava representando o Brasil. Foi a realização de um sonho que ela nunca havia sonhado:

- Foi muito emocionante. Eu me emocionei bastante cantando o hino nacional na abertura. As lágrimas caindo, era maravilhoso estar ali. No meio de tantos atletas no Brasil, ser convocada foi incrível.

Apesar da altitude de 2640 metros em Bogotá, a terceira capital mais alta do mundo, Ana Paula e a delegação tupiniquim conseguiram resultados expressivos. O ar rarefeito da cidade colombiana aterroriza jogadores brasileiros de futebol com frequência. Em jogos da Copa Libertadores da América por lá, as equipes brasileiras já precisaram utilizar cilindros de oxigênio para suprir a falta do gás no organismo de seus atletas. Ana Paula lembra que os primeiros dias foram complicados, mas, aos poucos, conseguiu se acostumar com a altitude. E conseguiu mesmo. A sul-mato-grossense disputou as mesmas três provas da competição em Brasília e assegurou duas pratas para o quadro de medalhas brasileiro, nos 100 e 200 metros rasos. E ainda bateu seu recorde de tempo pessoal em uma delas. Ana Paula se recorda das duas vezes em que subiu ao pódio com clareza. Para viver aqueles instantes, o esforço feito, os treinos debaixo de chuva e os quatro quilômetros percorridos todos os dias para chegar à pista de atletismo em Dourados valiam à pena.

Para Ana Paula, foi ainda mais especial dividir a emoção da vitória com cada integrante da delegação brasileira. No último dia do Parapan-Americano, todos se reuniram em um enorme salão em Bogotá para esperar a divulgação do resultado final. Ana Paula relembra dos detalhes como se essa reunião houvesse ocorrido dias antes de nossa entrevista. A decoração estava distribuída pelo salão inteiro. Bandeiras e adereços verde e amarelos por todas as partes. Os atletas sabiam que o Brasil havia conquistado um grande número de medalhas douradas, mas a contagem final era um mistério. A

apreensão, absoluta. Quando o resultado enfim foi anunciado, o Brasil estava no topo do quadro de medalhas e a comemoração começou. A felicidade e a farra tomaram conta do salão. O clima entre atletas e técnicos, segundo Ana Paula, era de amizade e companheirismo. Eles comemoravam juntos. E a sensação de ter contribuído para esse desfecho arranca largos sorrisos de Ana Paula ainda hoje.

O sucesso pessoal e coletivo não são as únicas lembranças que Ana Paula trouxe da Colômbia na bagagem. As medalhas e as recordações da comemoração estarão sempre vívidas em sua memória e essas histórias serão contadas centenas de vezes. Ana Paula acredita, no entanto, que essa experiência foi ainda mais significativa pelo aprendizado com outros esportistas e pelo contato com outras culturas. Ana Paula ouviu conselhos de paratletas que lidam com deficiências diferentes e algumas mais limitadoras do que a sua. Ela também conheceu a cultura latino-americana de perto, por meio do contato com paratletas de quatorze países, e se apaixonou pela diversidade do povo de nosso continente. As amizades formadas nos Jogos Parapan-Americanos de Bogotá persistem até hoje e foram importantíssimas para que Ana Paula, aos quinze anos, conseguisse se sentir acolhida mesmo a 3500 quilômetros de casa.

Na volta para Dourados, Ana Paula foi recepcionada com extremo carinho e admiração por seus familiares, professores e amigos. Afinal, dar as boas vindas a uma medalhista parapan-americana não é nada corriqueiro. Ana Paula se orgulhou com as homenagens que recebeu, já que seus resultados eram frutos de grande esforço. Algumas portas antes fechadas estavam se abrindo para ela a partir daquele momento. Grande parcela dos professores da escola Clarice Bastos Rosa, a mesma em que Ana Paula sempre estudou, pouco fizeram para lhe auxiliar ao longo dos anos. Após as medalhas na competição continental, o panorama se transformou completamente e todos se mostraram dedicados e atenciosos. Até a algumas regalias, como faltas adicionais e provas em horários alternativos, Ana Paula teve direito. A direção da escola passou a usar a imagem da menina para benefício da própria instituição, com a impressão de jornais e entrevistas em programas de televisão. A bajulação não era exclusividade do colégio, mas Ana Paula, mesmo que ainda na adolescência, manteve a cabeça no lugar e soube distinguir adulateiros de amigos genuínos:

- Eu ficava chateada, porque eu via que com muitas pessoas não era uma amizade, digamos assim, sincera. Infelizmente, eu via que era interesse: “é minha atleta, é da minha escola”. Não é aquela coisa de ajudar porque precisa, é por interesse mesmo,

infelizmente. Eu era destaque da escola. Tudo que acontecia, eles queriam colocar meu rosto, entendeu?

A rotina de Ana Paula se tornou simples: enquanto não estava estudando, estava treinando; enquanto não estava competindo, estava estudando. Mesmo que ficasse exausta, Ana Paula desempenhava as atividades cotidianas com prazer. Os treinamentos diários somados às viagens cada vez mais frequentes para disputa de campeonatos lhe deixavam pouco tempo para estudar e cumprir as tarefas do Ensino Fundamental. A solução encontrada foi estudar e realizar os trabalhos da escola enquanto estava viajando de ônibus e também nos hotéis e alojamentos onde se hospedava para as competições. Dessa maneira, Ana Paula se organizou e concluiu os anos de 2009 e 2010 com performances satisfatórias no colégio e excelentes no esporte.

Dois anos integrando os circuitos regional e nacional de atletismo foram suficientes para Ana Paula se estabelecer como um das principais atletas do país em suas provas. Seu desempenho nas etapas do Campeonato Nacional de Atletismo a credenciou para iniciar 2011 no primeiro lugar do ranking brasileiro na prova de Salto em Distância e no terceiro lugar nas provas de 100 e 200 metros rasos. Sempre na categoria T13, para deficientes visuais com baixa visão e que correm sem o auxílio de guia. Ana Paula, então, recebeu mais uma convocação do Comitê Paralímpico Brasileiro. Dessa vez, para os Jogos Parapan-Americanos adultos de Guadalajara, no México. Ana Paula deixaria de competir entre os juvenis e integraria a delegação brasileira junto com grandes nomes do paradesporto nacional, como Daniel Dias e Clodoaldo Silva, da natação, e Terezinha Guilhermina, do atletismo.

O ritual se repetiu. Ana Paula recebeu o documento oficial do Comitê e enviou o tamanho de seus calçados e roupas como resposta. Verificou seu passaporte, festejou com seu pai e sua irmã e aumentou ainda mais o ritmo de seus treinamentos. Nos Jogos Juvenis, Ana Paula havia chegado como uma incógnita, já que sua carreira acabara de começar. Dois anos mais experiente, Ana Paula iria para o Parapan-Americano de Guadalajara como esperança de medalhas para o Brasil. A responsabilidade não amedrontava a sul-mato-grossense. Pelo contrário, lhe trazia mais fé e confiança. A delegação brasileira chegaria ao México como principal favorita para liderar o quadro de medalhas, visto que no Parapan do Rio de Janeiro, em 2007, o Brasil foi soberano e terminou com 83 ouros, 68 pratas e 77 bronzes. Um total de 116 medalhas a mais que o Canadá, o segundo colocado geral.

Nada parecia abalar a boa fase de Ana Paula durante os preparativos para a competição de Guadalajara. Seus tempos estavam ótimos, assim como seus saltos.

Então, subitamente, tudo veio abaixo. No que deveria ser mais um dia de estudos e treinos em sua vida, Ana Paula voltava para de casa de mototáxi. No caminho, o motorista de um carro que estava estacionado abriu a porta de repente e o condutor da moto não conseguiu desviar. Os dois foram levados ao hospital imediatamente e Ana Paula sofreu as consequências mais graves. O impacto foi tão violento que ela fraturou a tíbia e perdeu a memória. Nos primeiros seis dias de internação, a falta de memória era o que mais perturbava a família. Ana Paula não reconhecia nem mesmo o seu pai. Após a diminuição do inchaço em sua cabeça e muitos dias de repouso absoluto, ela recuperou suas lembranças. Mesmo assim, passou meses tomando remédios controlados para evitar outra crise de amnésia e convulsões. Ainda no hospital, quando se deu conta da gravidade do acidente, Ana Paula logo se preocupou com a sua recuperação para a disputa do Parapan. Não havia tempo o bastante. A tíbia é o maior osso da perna humana e o tratamento de uma fratura é demorado. Ela não só perderia os Jogos Parapan-Americanos de Guadalajara, como ficaria cerca de um ano sem pisar em uma pista de atletismo:

- Para mim, o mais triste é que eu me via daquele jeito, deitada o dia inteiro, e não podia fazer o que eu mais gosto. Eu treinei tanto, sabe? Saber que eu tinha uma convocação e não poderia ir, aquilo lá para mim, doeu demais. Eu perdi o chão.

O apoio de toda a família de Ana Paula e de alguns amigos foi essencial para que ela tivesse forças para superar a maior frustração de sua vida profissional. Também foram necessários disposição e ânimo de sobra para se sujeitar a inúmeras sessões de fisioterapia e fortalecimento. Contudo, seu técnico de atletismo, o mesmo que lhe acompanhava em todos os seus treinamentos diários, não lhe visitou no hospital uma vez sequer e não lhe deu o suporte esperado em sua recuperação. Ali chegava ao fim uma parceria que poderia ser ainda mais duradoura e vitoriosa.

Com Ana Paula assistindo pela televisão, o Brasil provou seu favoritismo e se manteve na ponta do quadro de medalhas dos Jogos Parapan-Americanos de Guadalajara. Foram 81 ouros, 61 pratas e 55 bronzes. A sul-mato-grossense, mesmo que em casa, comemorou a vitória por seus companheiros de profissão. A sensação de que ela deveria fazer parte daquela conquista a confortava e a abalava ao mesmo tempo. Enquanto Ana Paula seguia sua reabilitação, um imprevisto lhe acometeu. Após disputar os Jogos Juvenis de Bogotá, Ana Paula ganhou o direito a uma bolsa atleta do

Governo Federal por quatro anos. No entanto, a bolsa deixou de ser paga a partir de 2012, com a justificativa de que ela não havia treinado no ano anterior. Ademar de Souza, namorado de Ana Paula, explicou que o corte da bolsa seria legítimo se Ana Paula deixasse os treinamentos por vontade própria ou se completasse um ano sem atividade. A falta de prática esportiva era decorrência de uma grave lesão e Ana Paula havia até mesmo recebido convocação para a seleção brasileira em 2011. Portanto, a suspensão da bolsa não era justificável. Como Ana Paula não era beneficiada por nenhum patrocínio particular, a bolsa era sua única fonte de renda e auxiliava nas despesas da família.

Sem a colaboração financeira do Governo, Ana Paula antecipou sua volta às pistas para o início de 2012. Seu objetivo era conseguir um patrocínio rapidamente. A calcificação de sua tíbia demorou mais do que o esperado e ela se frustrava a cada treinamento, já que a recuperação não estava completa. Mesmo com as exaustivas consultas fisioterapêuticas, a diferença muscular entre as duas pernas era evidente e os primeiros meses do ano foram sacrificantes. Apesar do esforço descomunal, os resultados nas pistas não eram satisfatórios. Ana Paula só voltou a competir em maio, mais de um ano após o acidente. Foi na etapa inicial do Campeonato Brasileiro de Atletismo de 2012:

- Foi outra guerra, porque eu não conseguia firmar a perna, mesmo com muita fisioterapia, eu não conseguia fazer determinados movimentos e repetições. Eu estava correndo e, de repente, minha perna parava de funcionar, não tinha firmeza. Aquilo me deixava preocupada. Eu saía muitas vezes chorando dos treinos. Eu tinha competição em maio, então eu tinha que voltar rápido e eu voltei em cima da hora, a perna voltou em cima da competição. Eu ainda consegui minha melhor marca no salto. Foi no susto, mesmo lesionada.

Além do recorde pessoal no Salto em Distância, Ana Paula atingiu mais uma boa marca na segunda etapa do brasileiro. E em 2012 foi só. As dores, os movimentos descoordenados e os espasmos musculares inviabilizavam a repetição de seu melhor desempenho. Era impossível correr 100 ou 200 metros em uma velocidade que lhe permitisse disputar as provas em alto nível com uma perna mais musculosa que a outra. O acidente tirou de Ana Paula o Parapan-Americano, lhe trouxe um ano sem praticar esportes e outro correndo atrás de sua melhor forma física sem sucesso. Maior de idade, a sul-mato-grossense decidiu mais uma vez sair de seu estado. Mas seria diferente. E

foi. Ana Paula percebeu que precisava de um recomeço, precisava mudar de ares, de treinamentos, de casa.

Recebeu uma proposta de Edelson Moreira, técnico em São Bernardo do Campo, e aceitou sem pestanejar. Edelson arrumou o patrocínio tão desejado por Ana Paula. A Associação Fundo de Incentivo à Pesquisa (AFIP) se comprometeu a contribuir mensalmente com uma quantia em dinheiro, mais um convênio médico. Logo no início de 2013, ela se mudou. O pai de Ana Paula respeitou a decisão da filha mais velha e deixou claro que as portas de sua casa em Dourados sempre estariam abertas para ela. A única condição era que a filha não deixasse de visitar a família sempre que possível. Não foi nada complicado encontrar um lar na nova cidade. Ana Paula e Ademar, que já residia em São Bernardo, namoram desde 2012 e decidiram juntar as escovas. Ademar também é paratleta e pratica atletismo.

Mesmo que em São Bernardo os resultados ainda não fossem os ideais, Ana Paula se sentia mais feliz e independente. Por lá, ela pode viver com o dinheiro do patrocinador e ao lado do namorado. Nos três primeiros anos treinando na região metropolitana de São Paulo, Ana Paula lutou contra os resquícios de sua lesão e competiu apenas nacionalmente. Já em 2016, suas performances voltaram a um alto nível e ela disputou os eventos testes para as Paralimpíadas do Rio. Também no mesmo ano, ela incluiu o lançamento de dardo ao seu repertório. A classificação não veio, mas o cenário para o futuro é favorável, já que Ana Paula tem apenas vinte e três anos de idade. Quando se mudou para São Bernardo, a Arena Caixa ainda não estava concluída. Hoje, Ana Paula percebe os benefícios dos treinamentos em um local adequado:

- Para mim, que treinei minha vida toda no terraço, aquilo lá é um sonho. Quando eu ia competir, eu sempre pensava que queria muito treinar numa pista de borracha, porque é muito melhor para o desempenho. Agora eu tenho coisas que eu nunca tive. Na Arena tem fisioterapeuta, tem médico, o doutor Paulo, que dá todo apoio pra gente. Então, coisas que eu não tinha em Dourados, eu tenho aqui.

Ana Paula e Ademar moram juntos há quatro anos e ela traçou um objetivo para o casal: ingressar em uma universidade, para estudar Educação Física. Ademar não garante que voltará aos estudos com a namorada, mas assegura que a promessa que Ana Paula fez ao pai quando saiu do Mato Grosso do Sul é cumprida à risca. Como Vanderlei Pereira, pai de Ana Paula, não sai de sua cidade por nada, é a filha quem tem que visitá-lo. Os mil quilômetros de distância entre São Bernardo e Dourados não intimidam Ana Paula, como atesta o próprio Ademar:

- Um tempo atrás, ela me acordou às cinco da manhã. Eu ainda dormindo, ela disse “acorda, vamos ver meu pai”. Aí eu peguei o carro e fui parar lá em Dourados.

- Não dá, já estou com saudade. É que eu e meu pai somos muito apegados. Depois que minha mãe faleceu, a gente ficou bem mais próximos. Todo meio de ano e final de ano, eu estou lá. Não consigo ficar longe por muito tempo, comenta satisfeita Ana Paula.

O Líder Rebelde

Ivan de Oliveira Freitas

Líder rebelde, sem papas na língua e um dos pioneiros do Futebol de Cinco no Brasil, Ivan de Oliveira Freitas relata a história da modalidade que pratica quase como a história de sua vida. Nascido em primeiro de agosto de 1971, em Moema, bairro da cidade de São Paulo, guarda poucas memórias de sua infância em Taboão da Serra, a 18 quilômetros da capital paulista.

Uma deficiência parcial na visão foi diagnosticada logo após seu nascimento. A causa foi uma sífilis congênita transmitida pelo pai, e essa condição transformou o começo de sua história em apenas leves lembranças. Em especial, após a morte da mãe.

- A gente tinha um grupinho de crianças numa faixa etária de 5 a 7 anos, isso eu me lembro bem. A gente brincava na rua toda tarde. Das quatro, cinco horas da tarde, a gente ficava brincando até às sete da noite.

As dificuldades para enxergar nunca privaram Ivan de se divertir com a molecada de sua rua de terra em Taboão, recorda-se. Porém, a violência da região na metade dos anos 70 fez com que todos os garotos da rua ficassem trancados em suas casas, por medo e por ordem de policiais da região.

Se as dificuldades pela baixa visão já comprometiam uma parte de seu início de vida, aos seis anos seu mundo ficou totalmente escuro. Após três cirurgias malsucedidas para tentar corrigir a deficiência, Ivan sofreu um descolamento de retina e perdeu totalmente a visão.

Com a ajuda de sua mãe, que era quem “fazia as correrias”, Ivan começava sua jornada para se readaptar ao mundo. A única imagem que o garoto de, até então, 6 anos conseguiu guardar em sua memória é a de sua casa de fachada rosa na metrópole paulistana. Tão única que o ajudava a encontrar seu caminho após brincar na rua.

A rotina de sua mãe era voltada integralmente para cuidar de Ivan e sua irmã, Márcia, que também nasceu com visão parcial e, por conta de um glaucoma, acabou ficando cega devido a uma bolada no rosto. A solução encontrada pelos pais foi uma instituição de ensino totalmente voltada às pessoas com deficiência visual, o Instituto Padre Chico.

Pioneiro no Brasil como escola especial, esse instituto marcou a fase mais difícil da vida de Ivan. A morte de sua mãe, logo após a separação de seus pais, ocorreu apenas 19 dias antes de seu ingresso no Padre Chico.

No dia 23 de janeiro de 1980, o então garoto de apenas oito anos perdeu sua inseparável mãe que sempre o guiou e o ajudou durante toda a sua infância. Antes de falecer, sua mãe havia preparado tudo para que ele e Márcia começassem seus estudos

no instituto, que ficava no Ipiranga, região sudoeste de São Paulo. A nova vida começava no dia 11 de fevereiro.

Sem vontade de fazer nada, além de chorar, conseguiu enfrentar o trágico reinício graças ao convívio com outras crianças com deficiências semelhantes à sua. Interagindo com a molecada do Instituto Padre Chico, o garoto de Taboão da Serra foi apresentado a uma das grandes paixões da sua vida, o futebol.

O barulho de metal batendo contra o chão ao passar pelo pátio aguçou a curiosidade de Ivan nos seus primeiros dias dentro do instituto. Ali, ele conheceu o esporte adaptado e teve contato com a bola de futebol com guizo, que auxilia os deficientes visuais durante a prática esportiva.

Sem muita tecnologia à época, a bola era envolvida em tiras de pano amarradas e, posteriormente, passava-se um arame de aço com tampinhas atreladas por furos, formando uma argola para simular o barulho de um guizo. Mesmo com toda a sua vontade de jogar futebol, a precariedade marcou Ivan para sempre, conta ele.

- O arame machucava muito a perna. Eu tenho umas 500 cicatrizes por conta do arame. Você tinha que dar um nó no arame, mas não ficava perfeito. Quando começou, o povo chutava lata de óleo ou aquelas grandonas, de leite.

Dentro do Padre Chico, a paixão pelo futebol compartilhava o mesmo espaço que os estudos. Ivan começou no pavilhão dos pequenos, separados pelos garotos de 8 a 10 anos de idade, e lembra-se que a rotina no instituto era literalmente sagrada. O dia começava às 5h30 para dar tempo de acompanhar a missa às 6h00, que era uma obrigação naquele instituto católico. Mesmo a contragosto, frequentava todas as suas atividades religiosas diárias. Todos rezavam o terço, impreterivelmente às 19h00.

- Toda noite tinha que rezar o terço. A gente fazia isso quando era criança. Até os 9, 10, 11 anos a gente respeitava muito isso, não tinha como não respeitar, até porque a ordem era ir e acabou.

Na sala de aula, Ivan se destacava e foi evoluindo dentro do Padre Chico. Com apenas três meses na pré-escola foi promovido à primeira série. Mesmo com a rápida escalada durante o início de seu aprendizado, levava na brincadeira quando questionado se era um prodígio.

- Não, eu só era intrometido mesmo – contava aos risos.

Das 7h30 às 19h00, as aulas eram nas salas do Pavilhão Escola, onde estudavam os alunos da 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental. Os pequenos intervalos entre as aulas

eram usados para jogar futebol com seus amigos. Como todo iniciante, logo ele foi mandado para o gol.

– Cego no gol era uma catástrofe, só levava gol direto.

Mais uma vez se intrometendo onde não devia, o menino de 10 anos conseguiu adiantar um ano e passou para a turma dos médios, dos alunos de 11 a 14 anos. Com a mudança de patamar dentro do Padre Chico, a vida de Ivan passou a ter mais liberdade e o futebol se tornaria uma atividade mais frequente em seu dia a dia.

Do parquinho e do pequeno espaço para a prática de seu esporte favorito, o campinho do Pavilhão Escola se tornara o primeiro espaço em que Ivan poderia realmente jogar futebol. Seu bom relacionamento com a bola chamou a atenção dos alunos mais velhos do instituto e logo ele seria chamado para jogar com os “maiores”, como eram chamados os alunos de 15 anos ou mais.

O convite para deixar de lado as brincadeiras infantis e se juntar aos atletas quase cinco anos mais velhos não veio da forma mais amistosa possível. Donizete, futuro companheiro de Ivan nas equipes de futebol de cinco, teve que levar o menino de 10 anos na marra para jogar bola com os maiores.

- Ivan, vamos jogar bola com a gente.

- Doni, estou aqui brincando com os caras.

- Ah, não vai jogar? – Indagou Donizete batendo nas costas de Ivan com tanta força que o fez perder a respiração. Agora você vai jogar? Vai moleque, responde.

Ivan ingressou no time dos maiores e nunca mais saiu. Do campinho do Pavilhão Escola passou a jogar na quadra, onde “os que eram mais feras no futebol jogavam”. A única pausa entre o futebol e os estudos foi para aprender música, mas o mundo dos acordes e cifras durante seus oito anos no Padre Chico não durou muito. A grande razão de seu repentino interesse pelo violão e pelo piano foi uma estratégia para conseguir chegar perto das garotas.

No Reino da Música, nome dado pelos alunos ao espaço musical da escola, os ensaios às terças, quintas e sextas-feiras não eram acompanhados pelas freiras. Como o Padre Chico mantinha o projeto de prédios separados para os meninos e para as meninas, os ensaios eram os únicos momentos em que Ivan conseguia marcar seus encontros na época.

Apesar desses momentos sem supervisão das irmãs, a paixão pelo futebol falou mais alto e aquela aventura de Ivan pelo piano e pelo violão durou apenas três meses.

- Eu não aguentava, gostava mais de jogar bola.

Com o decorrer dos anos dentro do Padre Chico, os alunos passavam a ter mais autonomia e liberdade nos ambientes do instituto. Durante sua passagem junto com os médios e pequenos, Ivan era obrigado a driblar as freiras para continuar jogando futebol ao invés de ir ao terço ou à missa.

Já mais velho, ao lado de Silvano, Gerson e Donizete, Ivan começou a competir, isso em 1985, jogando pelo Padre Chico. Um torneio entre equipes da cidade de São Paulo foi a primeira experiência no esporte fora dos portões do instituto.

- Que felicidade era você sair de sábado para ir jogar fora. Eu tinha 13 anos, era uma felicidade imensa sair para jogar bola.

Apesar da não-homologação oficial do Comitê Paralímpico Internacional, o IPC, aquele torneio realizado na capital paulista foi um dos primeiros campeonatos de futebol para deficientes visuais entre clubes do mundo.

O torneio contava com o Instituto Padre Chico, o CADEVI (Clube de Apoio ao Deficiente Visual) e o Democrático, clube que contava com alunos egressos do Padre Chico. Para sua surpresa, Ivan foi titular e campeão do torneio pelo Padre Chico, ao vencer por 2x0 na decisão. E o passe para Donizete marcar o segundo gol do Padre Chico contra o CADEVI, naquela final, ficou marcado para sempre em sua carreira.

- Lembro até hoje. Peguei a bola na ala esquerda, o Doni pediu lá na frente e ele entrou batendo de primeira. Foi um golaço. Eu não lembro muito dos gols não, mas esse foi um dos que eu não esqueci porque foi um dos primeiros que eu ajudei a fazer na vida.

De 1980 a 1987, após sete anos frequentando o Padre Chico, Ivan terminava sua formação naquele instituto e, aos 16 anos, teria que encarar o desafio de sair de um ambiente totalmente adaptado e voltado ao deficiente visual para circular pela cidade grande com sua falta de acessibilidade.

Em todos aqueles anos, o prédio localizado na rua Moreira de Godói foi sua casa e seus amigos de lá eram sua família. Durante o regime de internato no instituto, Ivan saía apenas de 15 em 15 dias para rever sua família.

A morte da mãe poucos dias antes que ele entrasse no Padre Chico, em meio ao período de separação de seus pais, contribuiu para que Ivan preferisse sua vida dentro do instituto do que procurar seus familiares.

Após a perda de sua mãe, a casa da família migrou de Taboão da Serra para Guarulhos, onde morava sua avó. Assim, a relação já distante com o pai piorou ainda mais pela falta de contato durante os sete anos no Padre Chico. Além disso, o pai trabalhava durante a noite e usava o dia para descansar.

- Eu chegava com a minha irmã em casa na sexta à tarde. Às vezes era minha vó que ia me buscar, às vezes meu primo, e no domingo à tarde voltávamos ao colégio de novo. Então, a gente quase não se via, não se falava muito. Ele era vigilante noturno de uma empresa em Guarulhos.

Do Padre Chico para o ensino médio, a diferença foi grande. Sem livros em braile, nenhum tipo de material adaptado, a opção foi estudar na Escola Estadual Caetano de Campos, na Aclimação. Em 1988, o colégio era um dos poucos que aceitavam alunos cegos. Sem nenhum tipo de recurso de gravação, a única solução encontrada pela falta de acessibilidade era a ajuda dos colegas, que ditavam as matérias.

As dificuldades na sala de aula dividiam espaço com o trabalho em uma metalúrgica, na rua Vergueiro, e a prática do futebol de cinco. Integrando o Centro de Emancipação Social Esportiva de Cegos, o CESEC, Ivan treinava todos os sábados e ainda encontrava tempo para praticar atletismo no mesmo dia.

A maratona começava logo cedo nas pistas da Escola de Educação Física da Polícia Militar, na Armênia, zona norte de São Paulo, e durava até as 11h00. Sua próxima parada era na Vila Alpina, no Centro Esportivo Arthur Friedenreich.

O trajeto de 15 quilômetros entre um centro de treinamento e outro tinha que ser feito em apenas uma hora, pois, ao meio-dia, Ivan tinha que estar pronto para jogar futebol pelo CESEC.

- Saía do atletismo e ia para o futebol. Fazia futebol do meio dia às 14h. Era uma loucura. Comer a gente não comia, não dava tempo.

Usando o uniforme do CESEC, a equipe ficou em quinto lugar no Campeonato Brasileiro de 1988. Com a crescente estruturação desse esporte no Brasil, naquela época o torneio já contava com oito equipes. E com a rotina do futebol de cinco se tornando mais profissional, em 1989 veio a primeira convocação para a seleção brasileira.

Durante um torneio realizado em Curitiba, organizado pela Associação dos Deficientes Visuais do Paraná, a ADEVIPAR, o treinador da equipe e da ainda recente seleção brasileira, Fábio, observou o desempenho de Ivan e decidiu integrá-lo ao selecionado.

No entanto, mesmo com a boa apresentação na capital paranaense, o torneio foi fatídico para a equipe do CESEC. Conforme as regras atuais, os goleiros do futebol de cinco têm visão total, mas, na época do torneio em Curitiba, podiam jogar no gol apenas atletas B1, que é a classificação internacional para cegueira total, ou B2, a dos atletas que têm percepção de vultos.

Além de sua baixa capacidade de visão, Neco, que foi o goleiro da CESEC, também era surdo de um dos ouvidos. O torneio em Curitiba ficou marcado pelo dia em que a equipe anotou 5 gols em um jogo, mas conseguiu perder de 3 a 2.

- Ao invés dele jogar a bola para a frente, ele punha o braço para dentro do gol. Ele fez dois gols contra assim, na hora de lançar a bola.

Para tentar evitar essas situações, Ricardo Robertes, que era o treinador do CESEC durante o torneio, tentava avisar o goleiro, mas o problema de audição acabou impossibilitando as instruções.

- Neco, não pode. Vai para a frente – esbravejava Robertes à beira da quadra.

Depois de toda essa situação peculiar, Ivan seguiu para Francisco Beltrão. A primeira chance de vestir a camisa verde e amarela seria em um torneio amistoso entre a seleção brasileira e um combinado de outros atletas. Era uma oportunidade para dar visibilidade à Associação Brasileira de Desportos para Cegos, a ABDC, que estava precisando de apoio.

No ano seguinte, já mais experientes, Ivan e sua equipe do CESEC foram disputar o brasileiro em Nova Londrina e o time acabou vice-campeão naquela cidade do interior do Paraná. Novamente, a equipe paulista colecionou boas histórias dentro de quadra.

- Perdemos porque nosso goleiro era B2 e o deles era B10 – brinca, lembrando que a classificação de visão vai de B1 a B3.

- Os caras puseram um goleiro que dirigia inclusive, que enxergava normal, senão nós não tínhamos perdido a final de 2 a 1 para a Associação Assistência aos Deficientes Visuais Poços de Caldas.

As boas campanhas em diversas quadras credenciaram o então treinador do CESEC, Ricardo Robertes, para assumir o comando da Seleção Brasileira no ano de 1991. O Brasil participaria do torneio latino-americano de cegos, na Argentina. Sem dinheiro para bancar a equipe e nenhum tipo de patrocínio, a ABDC enviou uma carta informando que os convocados deveriam encontrar um jeito e “levantar” o total necessário para a viagem.

Ivan e Luisinho eram os únicos convocados do CESEC e, junto com o treinador Ricardo, decidiram tentar achar um modo de chegar à Argentina para a disputa do torneio. Em 1991, o pai de Ivan trabalhava no Esporte Clube Pinheiros, como roupeiro, e foi ele que salvou o trio. Seus amigos entenderam a situação e o ajudaram a angariar o valor necessário.

- O presidente do Esporte Clube Pinheiros, na época, passou o contato do Sindicato dos Clubes do Estado de São Paulo, o SINDICLUBE, que doou 200 dólares para ajudar a custear a viagem. Esse dinheiro foi suficiente para pagar as inscrições de Ivan, Luisinho e Ricardo. Resolvida essa questão, com a ajuda de rifas de um litro de uísque e de uma bola conseguiram custear toda a viagem. A equipe chegou à Argentina com apenas três jogadores de linha, o treinador e o goleiro. Sem o número necessário de atletas, a solução foi recrutar atletas de outras modalidades, em especial do Goalball, modalidade exclusivamente destinada a deficientes visuais em que os três atletas de cada equipe são defensores e atacantes com o objetivo de arremessar uma bola para um gol de nove metros de comprimento.

Após tanto sofrimento para conseguirem participar daquela disputa latino-americana, Ivan jogaria de qualquer jeito nas quadras argentinas. Uma lesão no joelho não impediu o ala de Taboão da Serra de entrar em quadra para jogar, mesmo depois de viajar mais de 1.500 quilômetros.

- Eu tinha machucado o menisco. Fiz várias sessões de acupuntura para poder ir à competição. O joelho ficava meio enfaixado, meio mumificado, mas eu jogava.

Tudo corria tranquilamente para o início da disputa do Futebol de Cinco, quando outra notícia quase acabou com o sonho da competição internacional. Uma classificação oftalmológica foi exigida antes do torneio, para desespero do goleiro brasileiro, Jhow.

- Lascou, Ricardo. Eu não sou B3, eu uso óculos, mas não sou B3. Eu enxergo normal – gritava o goleiro antes do exame.

Fora das regras, a seleção brasileira precisava encontrar uma solução. Depois de tanto esforço para chegar à Argentina, os comandados de Ricardo Robertes bolaram um plano para não voltarem para casa mais cedo. Para que Jhow jogasse, os brasileiros apresentaram a bola de guizo interno, criada no Brasil em 1989. Ainda no começo da década de 90, os campeonatos eram disputados com bolas encapadas com couro e atreladas com arames. A nova tecnologia fez com que os chilenos e argentinos aceitassem a participação do goleiro em troca da bola de guizo interno para a disputa.

E dessa vez, em quadra, a equipe canarinho não tomou conhecimento dos adversários. Uma sonora goleada por 7 a 0 no Chile e uma vitória por 3 a 1, contra a Argentina, deram o primeiro título latino-americano de Futebol de Cinco para o Brasil.

Em meio às convocações para a Seleção Brasileira, às disputas da Copa Brasil pelo CESEC e CADEVI, isso entre 1992 e 1995, e com mais um título latino-americano

em 1994, quando o campeonato foi sediado em São Paulo, Ivan começava uma nova fase de sua vida.

“Para desespero da universidade”, o camisa 5 iria conciliar os treinamentos com os estudos em uma faculdade de Educação Física. Aprovado em nono lugar no vestibular da UNICASTELO, hoje Universidade Brasil, Ivan buscava ser apenas o segundo cego do Brasil, e o primeiro no Estado de São Paulo, a ter formação superior em Educação Física.

A rotina de conciliar o Futebol de Cinco com outras atividades não era nenhuma novidade para Ivan. Após sair do Padre Chico, o esporte sempre esteve acompanhado do trabalho, muitas vezes com alguns transtornos nessa relação.

O trabalho na metalúrgica Saint Nair, localizada na rua Vergueiro, região central de São Paulo, foi a primeira experiência no mercado após sair do instituto. De 1988 a 1990, Ivan trabalhava na linha de montagem de peças para motores, o que dificultava seus afastamentos para competir.

Com o crescimento do futebol de cinco no país, as competições, geralmente regionalizadas, começaram a ser disputadas em diversas partes do país, para o desespero de Ivan. Em 1990, o torneio nacional seria sediado em Nova Londrina, no Paraná, mas a direção da empresa não o liberou para a disputa longe da capital paulista.

Sem pestanejar, arranjou um atestado médico, apresentou-o e viajou mais de 10 horas para entrar em quadra pelo CESEC. Vice-campeão em solo paranaense, Ivan não continha a alegria pela boa campanha no torneio nacional e, em meio a uma conversa sobre o torneio, o filho do seu chefe, Valmir, ouviu em detalhes como havia sido a participação de seu funcionário no campeonato de Nova Londrina.

- Não deu dois dias e eu estava na rua – lembra Ivan sem nenhum remorso, após um de seus cinco vice-campeonatos brasileiros.

Demitido da Saint Nair, Ivan não ficou nem um mês longe da metalurgia e conseguiu outro emprego com a ajuda de amigos. Em 1992, decidiu prestar um concurso para o cargo de Auxiliar de Radiologia no Hospital de Itaquera, promovido pela prefeitura de São Paulo. Aprovado, decidiu morar com seus avós em Itaquera, na zona leste paulistana.

O trabalho no hospital facilitou a entrada de Ivan na universidade. Uma distância de apenas dois quilômetros separava o desejo de estudar das máquinas de raio X. Então, em 1995, começou o curso de Educação Física na UNICASTELO.

Mesmo com as dificuldades que enfrentou nos anos 90, Ivan lembra que seu começo no ensino superior foi facilitado por um dos seus maiores referenciais na época, Mário Sérgio Fontes, o primeiro cego formado em um curso superior de Educação Física, em 1990, pela Universidade Federal do Paraná. Mário Sérgio palestrou para os professores da universidade que abrigaria Ivan e compartilhou sua experiência como aluno com deficiência visual para os docentes da UNICASTELO.

As dificuldades encontradas por Ivan no ensino médio, longe do Padre Chico, foram atenuadas quando cursou a universidade. No início, um dos dois professores que acompanhavam a sala, porque a turma era de 114 alunos, auxiliava Ivan passando as informações contidas na lousa. Com o passar do tempo e a aproximação com os colegas, seus amigos começaram a ditar os conteúdos para ele.

Mesmo com toda a receptividade encontrada na universidade, o preconceito ainda era presente na sala de aula. Se no ensino médio já ouvira que cego só atrapalhava a aula e apelidos dados por professores, como o de “Mister Magoo”, durante a faculdade de Educação Física outro episódio desagradável marcou Ivan por muito tempo.

Sem entender o raciocínio do professor durante uma aula de Organização e Administração do Desporto, Ivan pediu que o docente explicasse novamente como fazer uma tabela de jogos.

- Eu não sei por que cego faz Educação Física – comentou o professor diante dos 114 alunos.

Apesar da situação, aquela afirmação preconceituosa em nenhum momento o abalou durante as aulas de Organização e Administração do Desporto. Ao final do ano letivo, Ivan fechou a matéria com nota máxima e não perdeu a oportunidade de “agradecer” o docente na aula de encerramento da disciplina.

- É para isso que cego faz Educação Física, para montar um evento de qualidade e te promover – discursava Ivan dentro da quadra após a organização da Casteliadas, competição esportiva interna da universidade que contava como prova final da disciplina.

Em 1998, Ivan se tornava o primeiro deficiente visual do Estado de São Paulo, e o segundo do Brasil, com formação superior e diploma de Bacharel em Educação Física.

Durante sua vida acadêmica na UNICASTELO, o título da Copa América de 1997 marcou Ivan. A competição foi organizada em Assunção, capital do Paraguai. O torneio contava com Brasil, Argentina, Colômbia e Paraguai.

Todos os jogadores foram hospedados em um quartel militar, na capital paraguaia. No primeiro dia, elas soltas por lá corriam atrás dos jogadores, recorda-se, e o jantar era apenas uma sopa servida em caneca de alumínio. Ao final do dia, os brasileiros encontraram um quarto único para as quatro equipes e um banheiro compartilhado, com cerca de 30 centímetros de água acumulada no chão, pois o ralo não funcionava.

Com mais de 60 atletas compartilhando o mesmo espaço, os jogadores da equipe brasileira se reuniram e decidiram que não jogariam caso não fossem hospedados em um local adequado. Ramon, técnico da Seleção Brasileira e do Instituto Benjamin Constant, ficava no hotel junto com a comissão administrativa da Confederação Brasileira. No treinamento do dia seguinte, os atletas se negaram a entrar em quadra para treinar. Liderando o boicote, Ivan foi o porta voz do movimento pela saída da seleção do quartel em Assunção.

- Estamos em um local que não dá para ficar, não tem condições. As quatro equipes no mesmo local, a comida é um pouco de sopa, o local para tomar banho é inadequado. Se não formos a um lugar melhor, não vamos jogar.

- Você está louco, Ivan? – Questionava, inconformado, Ramon.

- Nós decidimos isso e não vamos ficar.

Um a um, os outros jogadores foram se levantando e demonstrando apoio a Ivan diante da situação.

- Se o Ivan for embora, eu também vou – falavam os atletas e o preparador físico da Seleção Brasileira de Futebol de Cinco.

Em poucas horas, os dirigentes do futebol de cinco encontraram uma pousada para os atletas brasileiros. A união dos brasileiros fez com que os jogadores dos outros países também se rebelassem e exigissem outro local para a hospedagem, ou não disputariam o sul-americano. Com a iminência de um cancelamento da competição, todos tiveram suas exigências atendidas.

O Brasil foi campeão do torneio em Assunção e Ramon continuou convocando Ivan para a seleção. Mas, o motim encabeçado por Ivan, contra as péssimas instalações a que os jogadores brasileiros foram submetidos, fez do atleta um “líder rebelde” dentro da seleção.

No ano seguinte ao desse episódio no Paraguai, o Brasil sediou o Primeiro Mundial de Futebol de Cinco. Em 1998, a cidade de Paulínia, no interior de São Paulo,

recebeu Argentina, Brasil, Chile, Grécia, Espanha e Inglaterra para aquela disputa intercontinental.

O esporte no Brasil já era gerenciado pela Confederação Brasileira de Desportos para Cegos, a CBDC, e os comitês nacionais e internacionais paralímpicos começavam a surgir na segunda metade dos anos 90, o que conferiu um caráter mais administrativo ao paradesporto.

A equipe brasileira sagrou-se a primeira campeã mundial de Futebol de Cinco com uma vitória sobre a Argentina, mas a participação de Ivan quase foi prejudicada por outra lesão no joelho.

- No primeiro jogo do campeonato brasileiro, na mesma quadra em que foi disputado o mundial, eu escorreguei e bati o joelho em uma mureta de uns 40 centímetros de altura. Estava garoando nesse dia e a quadra era aberta nas laterais e no fundo, o chão molhado ficava liso. Tomei vinte e oito pontos, abriu de ponta a ponta. Isso em agosto, e o mundial seria em outubro.

Lesionado e com apenas dois meses para se recuperar, suas chances de estar totalmente recuperado e apto a entrar em quadra eram extremamente baixas. Sob críticas e com a confiança do treinador Ramon, Ivan foi convocado e, ao final de outubro, ele estava dentro da quadra e vestindo a camisa verde e amarela.

Tão fundamental quanto teimoso naquela final contra a Argentina, Ramon quase se arrependeu da convocação de Ivan para o Primeiro Mundial de Futebol de Cinco. O placar não saía do zero a zero e as duas seleções sul-americanas já disputavam a prorrogação, na final em Paulínia, quando surgiu um escanteio para o Brasil.

- Combinei com o Misael, que jogava comigo no CESEC, a jogada que fazíamos em São Paulo. Eu batia o escanteio na entrada da área e o Misael chegava chutando. Eu saí correndo para bater o escanteio e só ouvia o Ramon gritando.

- Volta, Ivan. Volta para a defesa!

- Eu vou bater o escanteio e depois volto correndo – retrucou Ivan para o treinador.

Com a jogada ensaiada entre os dois atletas do CESEC, o destino do escanteio foram os pés de Misael. O atacante foi derrubado pelo goleiro argentino e a arbitragem assinalou pênalti para o Brasil. Marquinhos, o Paraibano, foi o encarregado pela cobrança e marcou o gol solitário que deu o título de primeiro campeão mundial de futebol de cinco para o Brasil.

Depois do título desse mundial e da sua formação na faculdade, Ivan começou seu trabalho como professor. Longe das quadras, sua primeira experiência foi no colégio

Simon Bolívar, em Diadema, ainda quando cursava o terceiro ano da universidade, em 1997. Naquela escola estadual, ele seria professor de Biologia, em caráter especial.

Em seu primeiro dia como docente, a vice-diretora da escola não ficou muito feliz ao ver uma pessoa cega designada para ministrar as aulas de Biologia. Mesmo com o contrato assinado pela Diretoria de Ensino, Ivan teve seu pedido inicial negado pela vice-diretora. Não poderia dar aulas no Simon Bolívar.

- Não estou entendendo. Tem alguma coisa errada com os meus papéis? – Questionava após ouvir que não poderia dar aulas.

Inconformado com a negativa, Ivan exigiu que a vice-diretora ligasse para a Diretoria de Ensino para que ele pudesse dar aulas normalmente, como qualquer outro professor. Sem entender muito da conversa ao telefone, ouviu apenas uma pequena parte da razão pela qual estava sendo impedido de dar aulas.

- Vocês me mandaram um professor que é cego, tem escadas aqui na escola.

Revoltado com a situação, Ivan confrontou a vice-diretora e decidiu seu destino dentro da sala de aula.

- Moça, eu sou cego, não sou deficiente físico. Eu tenho duas pernas para subir e descer escadas normalmente, então eu vou dar minhas aulas normalmente aqui – afirmou.

A vice-diretora recuou e Ivan começou a ministrar as aulas. Das aulas de Biologia, no Simon Bolívar, Ivan migrou para sua área de formação. Em 1998, recebeu um convite do CESEC para ser professor de Goalball e decidiu largar a escola estadual. Houve troca do comando da Seleção nacional no ano 2000 e Ramon deu lugar ao treinador mineiro Sol, que tirou Ivan da equipe brasileira. Então, Ivan decidiu aceitar o convite para assumir a coordenação de esportes no próprio CESEC, isso no mesmo ano.

Longe da camisa verde e amarela, Ivan viu o Brasil do treinador Sol conquistar o bicampeonato mundial na Espanha, em Jerez de la Frontera. Sua ausência de dois anos da Seleção Brasileira ocorreu concomitantemente à sua saída do CESEC. Sai por “motivos político-administrativos e para me tirarem de circulação”, explica.

Ao retornar à Seleção, em 2002, o Brasil então contava com o técnico Antônio de Pádua, da Paraíba. A seleção bicampeã mundial disputaria o torneio novamente em casa, no Estado do Rio de Janeiro, na Associação Niteroiense de Deficientes Físicos, a ANDEF.

Único campeão mundial de Futebol de Cinco à época, o time brasileiro não conseguiu repetir o feito na terceira edição do torneio. Com uma equipe “ruim e

desorganizada”, como assume Ivan, a equipe dona da casa amargou um terceiro lugar e viu a arquirrival Argentina se sagrar campeã em pleno território brasileiro.

A campanha ruim nesse terceiro mundial precedeu uma geração de ouro do Brasil na modalidade. No ano seguinte, a seleção nacional foi à Colômbia, em Bogotá, para a disputa da Copa da América e conquistou o título derrotando a então campeã mundial Argentina.

A boa campanha animava Ivan para o maior sonho de sua carreira dentro das quadras. As Paralimpíadas de 2004, em Atenas, na Grécia, marcavam a estreia do Futebol de Cinco na maior competição internacional da modalidade. O sonho de disputar um ouro olímpico era o único pensamento de Ivan e seus companheiros naquele ano.

O garoto de Taboão da Serra que começou a jogar aos oito anos no pátio do Instituto Padre Chico não pensava em outra coisa a não ser em estar em Atenas com a camisa da seleção brasileira. Na época, Ivan era considerado um dos melhores jogadores do mundo. A modéstia nunca o deixou assumir o posto de grande atleta do futebol de cinco do início do século XXI. A boa fase em 2002 e 2003, quando foi eleito o Melhor Jogador do Brasil, sempre foi compartilhada com os companheiros.

- Eu joguei muito com o Luisinho. Nós jogávamos muito bem. Eu jogava de ala no Brasil, o sistema era um pouco diferente. Meu papel sempre foi servir, carregar o piano, marcar e tocar a bola para alguém fazer o gol. Depois teve a fase com o Misael, ele cansou de fazer gols jogando comigo, foi a melhor fase da vida dele. Mas é aquela coisa, cada um na sua função e a gente desempenhava um papel legal, eram times bem montados e o esquema ajudava.

O auge da carreira, durante a preparação para as Paralimpíadas de 2004, não garantiu a viagem de Ivan para Atenas. A surpresa pela não convocação de Ivan não só chocou os brasileiros como foi um choque para todas as seleções mundiais. Ivan garante que sua ausência na lista final de convocados para as Paralimpíadas fora motivada por questões políticas e de apadrinhamento. Sua participação em todas as fases de treinamento e o desempenho acima da média dentro de quadra não foram o bastante para barrar alguns problemas com a comissão técnica da seleção.

- Eu não tinha padrinho político e a seleção sempre foi bairrista. Apenas eu e o Misael éramos de fora da Paraíba ou do Paraná.

Durante a preparação com os 15 atletas, Ivan sempre chegava uma hora mais cedo para os treinamentos e foi um dos primeiros na avaliação geral. Mesmo assim, ele

foi um dos cinco cortados e atribui a exclusão a um mal-entendido que envolveu uma funcionária do hotel em que estava hospedada a seleção brasileira.

- Eu comecei a dar uns beijos na recepcionista do hotel, na última fase de preparação, que seria a última convocação. No último dia, a comissão passou nos quartos e eu estava no quarto do Ricardo Robertes, treinador convidado da comissão técnica, conversando. O pessoal não me viu no meu quarto e pensou que eu estava com a funcionária do hotel.

A confusão não foi solucionada a tempo e a consequência foi que Ivan foi cortado no dia seguinte ao suposto sumiço do hotel. Quando Ricardo desvendou o mistério do paradeiro de Ivan na noite anterior já era tarde. Ele já não estava na lista dos 10 convocados para as Paralímpiadas de 2004.

Sem papas na língua, o ala da seleção brasileira pediu para nunca mais ser convocado e mostrou todo o seu descontentamento com o tratamento que recebera meses antes do embarque para a Grécia.

- Você já fez o que queria, não precisa mais pedir desculpas. Cortaram eu e o Sandrão que estávamos em melhores condições para levarem quem vocês queriam e não tem ninguém que manda nisso aqui.

A insatisfação com a comissão técnica brasileira teve seu ápice e último capítulo após a Copa América de 2005. “Sem vontade e quase sem interesse”, o vice-campeonato na competição, com uma derrota para a Argentina na final, foi o último torneio de Ivan com a camisa da seleção brasileira.

- Não me convoca mais porque eu não vou mais jogar na sua seleção – foram as últimas palavras de Ivan com a camisa verde e amarela.

Longe das competições internacionais, Ivan começou a se dedicar apenas aos torneios nacionais com o CESEC. Afastado do cargo de coordenador em 2002, a insatisfação política foi ficando cada vez maior e, em 2007, alguns atletas decidiram sair do CESEC.

Naquele momento, uma ex-namorada, Simone, telefonou para Ivan e falou para ele levar o pessoal que estava descontente com o CESEC para reativar a Associação dos Pais e Amigos de Deficientes Visuais, a APADAV, em São Bernardo, cidade em que Ivan residia desde 2004, quando foi aprovado em um concurso público.

A nova equipe conquistou a segunda divisão do campeonato brasileiro em 2008 e oito títulos paulistas, os de 2007, de 2009 e de 2015. Com 45 anos, Ivan não pensa em

parar e luta para conquistar seu primeiro título da Primeira Divisão no Campeonato Nacional de sua carreira.

- Eu continuo jogando. Enquanto o cara me convocar, eu estarei lá.

A participação e o trabalho desenvolvido dentro da APADAV com as diversas modalidades esportivas credenciaram Ivan para participar das atividades administrativas do município de São Bernardo. Em 2013, ele foi nomeado Coordenador de Paradesporto da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer.

- Cara, é uma das coisas que eu sempre quis no sentido de trabalhar, buscar, ser coordenador do desenvolvimento do paradesporto. O Zé - José Alexandre Devesa, secretário de esportes de São Bernardo até 2016 – falou que eu ia passar a resolver os problemas no paradesporto.

Ivan continua em São Bernardo treinando futebol de cinco todas às terças e quintas e divide seu tempo no esporte com seus três filhos, nenhum deles deficiente visual. Natali, a mais velha, com 17 anos, fruto de um relacionamento com Cláudia, acompanha fielmente o pai todas as segundas e quartas. Aos finais de semana, Ivan reserva seus sábados e domingos para visitar Leonardo, oito anos, e Tiago, três. Os dois filhos mais novos são filhos de Camila, deficiente visual que praticava goalball e viveu com Ivan de 2008 a 2014.

Amor à Primeira Pedalada

Jéssica Moreira Ferreira

O relógio marcava 17h22 de 6 de novembro de 2013. Jéssica Moreira Ferreira saíra do trabalho dois minutos antes e partia rumo a São José do Rio Preto para buscar alguns materiais que deixara em sua antiga casa. Acabara de voltar para Ribeirão Preto, aonde viveu durante o ano de 2012, e estava organizando a vida em seu recém financiado apartamento.

Formada em Administração e Recursos Humanos, Jéssica rodava o interior de São Paulo dando palestras e treinamentos para a capacitação de jovens aprendizes pelo CIEE, Centro de Integração Empresa-Escola. Era seu retorno a Ribeirão Preto pela empresa, e lá ficaria mais perto de seus pais, Ivani Moreira Ferreira e José Maria dos Santos Ferreira, que residiam em Jaboticabal, a cerca de 60 quilômetros de distância.

Aquele 6 de novembro de 2013 era apenas mais um dia normal de trabalho na vida de Jéssica. Sem almoçar, cumpriu suas tarefas diárias para viajar para São José do Rio Preto e concluir seu regresso à Ribeirão. O celular tocou, era uma funcionária do CIEE do outro lado da linha. Ao atender a ligação, o relógio parou, às 17h22.

Chovia na estrada e um carro ultrapassando na rodovia de via simples vinha no mesmo sentido em que Jéssica ia. A única reação, para evitar a colisão frontal, foi jogar o veículo para o acostamento. Uma aquaplanagem jogou o carro de Jéssica longe e acabou capotando três vezes, até parar todo amassado em um matagal. Passado o maior susto percebeu que as ferragens travavam seu corpo no carro e, no desespero de buscar alguma ajuda, Jéssica não sentia mais suas pernas. A compressão na coluna em nível T10 não permitia um pedido de socorro e mesmo com o relógio travado, no mesmo horário, o tempo ia passando e nada de resgate no acostamento da rodovia.

A gravidade do acidente foi tamanha, que os pertences de Jéssica foram arremessados do carro por todo o trajeto dos três capotamentos. Uma mala e um notebook jogados fora da pista atraíram a curiosidade de Ricardo Oliveira e, ao parar no acostamento, ele viu um carro muito longe da rodovia e ouviu um pedido de socorro. Só quase duas horas após o acidente, Jéssica foi encontrada à margem da rodovia que liga Ribeirão Preto a Jaboticabal. O único pensamento que passava em sua cabeça era que iria morrer, e sentia apenas vontade de dormir. A ingente dor nas costas e a quantidade de sangue que perdia só permitiram a Jéssica fazer um pedido a Ricardo; que ele os avisasse que ela havia pedido perdão. O resgate chegou a tempo de impedir um desfecho ainda mais trágico daquele acidente em uma quarta-feira chuvosa. Juntamente com os paramédicos, os pais de Jéssica acompanharam em desespero a retirada da filha das ferragens.

Uma fratura exposta corrompeu 84% da medula e Jéssica perdeu o movimento das pernas, paraplegia. Da adrenalina do acidente até o hospital, muitas coisas passavam pela sua cabeça. Formada em um MBA de Gestão Estratégica de Pessoas apenas cinco dias antes do acidente, financiando um apartamento em prédio sem elevador e no auge de sua carreira no CIEE, Jéssica sentia-se vivendo a vida de outra pessoa após o acidente. E essa nova realidade levou a um processo de aceitação com a ajuda daqueles que sempre estiveram presentes nos momentos mais difíceis.

- A minha família é a minha base, foi ela que me deu forças e que esteve comigo. Na época, eu tinha um namorado que me largou três dias depois, e por mensagem pelo celular. Ele recebeu a notícia de que eu ficaria paraplégica e meio que surtou. Eu já recebi alta sem namorado. Enfim, eu retomei a vida.

A vida de salto alto e roupa social usada no trabalho teria que ficar para trás. A gravidade da lesão levaria a um longo tempo de recuperação. A nova rotina seria dentro de hospitais e fazendo fisioterapia para se reabilitar, tentando reverter ao máximo as consequências da lesão em sua coluna.

Vinte dias após o acidente, Jéssica teve alta do hospital e começou seu tratamento de reabilitação em São Paulo. Os primeiros meses assustavam pela dependência de outras pessoas para as atividades mais banais do cotidiano, pelo afastamento do trabalho e pela batalha para tentar voltar a andar. A proximidade com diversos deficientes físicos durante a recuperação na capital paulista deu forças para Jéssica seguir seu sonho de um dia voltar a andar. Acreditava que seu esforço durante as oito horas de fisioterapia diárias a tirariam da cadeira de rodas e ela poderia retomar normalmente sua rotina em Ribeirão Preto.

E Jéssica viu que o alto custo do tratamento em São Paulo cobrou seu preço. Para manter a filha longe de Jaboticabal para o tratamento, Ivani e José Maria tiveram que “vender a alma” durante o período de reabilitação. Os amigos de sua cidade natal fizeram uma rifa para ajudar os pais a mantê-la em São Paulo, em meados de 2014, até a conclusão de seu tratamento.

- Eu também não podia chatear minha família, não podia ficar reclamando. Porque eu ia desmoronar minha mãe e meu pai que são mais de idade.

Um ano se passou desde o acidente e Jéssica ainda não conseguia voltar a andar. Mesmo com toda a luta pela reabilitação, a deficiência física se tornara sua realidade, e o processo de aceitação foi muito complicado.

- Eu ainda não me sentia bem, quando eu terminei e vi que eu não ia voltar a andar. Vi que eu não iria voltar a andar e que teria uma vida sobre rodas.

Como a rotina maçante de fisioterapia não mudaria a condição em que Jéssica se encontrava, a solução encontrada por diversos médicos foi a atividade esportiva. Em 2014, diversas modalidades lhe foram apresentadas, mas sempre com resistência por parte de Jéssica. Acreditava que se entrasse no paradesporto, estaria assumindo de vez a condição de deficiente física e o sonho de voltar a andar ficaria longe da realidade. Antes do acidente, com 20 quilos a mais, a rotina corrida durante suas viagens e seu trabalho no CIEE a tornaram uma pessoa sedentária. O pouco contato que tinha com as atividades físicas era mais por obrigação, os treinamentos em academias sempre se tornavam mais uma tarefa social e meio desregrados.

Contudo, se Jéssica não escolhia o esporte, o esporte decidiu escolhê-la. A rotina árdua de fisioterapia e reabilitação na cidade de São Paulo a tornou mais independente. Após um ano, já podia tomar banho e se vestir sozinha novamente, tirou uma nova habilitação e comprou um carro adaptado para tentar retomar sua vida profissional. Porém, o ciclismo adaptado foi o fator principal para a mudança e a aceitação em sua vida.

- Eu queria voltar a andar, então eu lutei muito. Teve uma hora que o esporte falou, vem cá. Eu não queria de jeito nenhum. Em 2014, quem me colocou no esporte foi uma instituição chamada Lucy Montoro. Eles brigaram muito para eu ir e foi aonde eu conheci o ciclismo e me apaixonei.

Com o apoio da equipe de educadores físicos do Lucy Montoro e algumas pesquisas, em abril de 2015, Jéssica viajou para Pirassununga, na base da Academia da Força Aérea Brasileira, a AFA, onde aconteciam os treinos de *handbike* da Associação Paradesportiva Paulistana, APP. Lá, o capitão da equipe, Dênis Anderson Gonçalves, lhe emprestou uma bicicleta e, após ser apresentada ao remo, tênis adaptado, basquete, canoagem e diversas outras modalidades, decidiu dar uma chance ao ciclismo e foi “amor à primeira pedalada”.

- Eu vou subir na bicicleta e pedalar o tanto que eu conseguir, quando eu não aguentar mais eu paro. Algum oficial me busca de carro e traz a bicicleta de volta.

Com o aval do treinador, Jéssica subiu pela primeira vez em uma bicicleta adaptada e treinaria junto com os atletas da APP. O trajeto de 50 quilômetros parecia impossível para alguém que sequer havia pensado em ciclismo anteriormente em sua vida. Então, decidiu ir até aonde o corpo aguentasse.

- Então eu subi naquela bicicleta e pedalei na rodovia, olhava para o lado direito e lado esquerdo, eram todas as pessoas deficientes físicas iguais a mim. Se eu caísse não tinha ninguém para me ajudar, porque ninguém andava ali.

Sem saber como, Jéssica pedalou os 50 quilômetros e se sentiu realizada por conseguir fazer uma atividade física sem qualquer ajuda de uma pessoa que andasse. Se sua preparação física era insuficiente, o lado psicológico foi o fator principal de sua realização na base da AFA, em Pirassununga

- Foi na pura garra, emoção. Muito psicológico mesmo, emocional. Então foi a primeira vez que eu consegui fazer uma atividade sozinha e foi ali que eu comecei a me sentir independente. O esporte me deu força.

O casamento entre Jéssica e a *handbike* havia sido oficializado. Morando novamente com os pais em Jaboticabal, após ter que deixar o apartamento sem elevador em Ribeirão Preto, a rotina de treinamentos começou a ficar pesada para conseguir chegar ao nível necessário para as competições nacionais. Sem folgas, Jéssica pedala de segunda, quarta e sexta por duas horas e treina na academia à tarde, terças e quintas fica na bicicleta de três a quatro horas. O treinamento intenso vem desde que começou na modalidade, dividindo espaço com os carros e outros fatores externos nas ruas de Jaboticabal. Para uma simulação mais real de competição, Jéssica viaja todo domingo para Pirassununga, a cerca de 150 quilômetros de sua cidade natal, para treinar na pista da Academia da Força Aérea Brasileira. A estrutura perfeita tem seu preço. Os gastos do trajeto são todos custeados por ela, pedágio, combustível, aproximadamente 200 reais em cada viagem.

A falta de patrocinadores é um fator que dificulta a vida no esporte, em especial no paralímpico. Com a ajuda de empresas particulares, Jéssica arranja o dinheiro necessário para continuar no esporte. Contratos com academias, lojas de bicicleta e suplementos garantem o necessário para a prática da *handbike*. Quando a quantia necessária é um pouco mais elevada, vende pizzas, rifas e o que for necessário para poder estar nas competições. E como a falta de incentivos não a desanimava, os resultados logo apareceram.

Em sua primeira competição oficial, a paratleta de Jaboticabal pegou uma bicicleta de ferro emprestada e foi para as pistas de Penha, em Santa Catarina. Era a segunda etapa da Copa do Brasil de Paraciclismo e Jéssica conseguiu a segunda colocação no contrarrelógio individual e na prova de resistência, perdendo apenas para

Jady Malavazzi, campeã nacional e representante brasileira nos jogos Paralímpicos do Rio 2016.

- Na primeira competição, eu fui com a cara e coragem e competi com uma bike remendada com uma borracha, uma bike de ferro, estamos falando de 36 quilos. Ninguém mais nem usa a bike de ferro e eu fui competir. Com essa bike de ferro eu fui a segunda colocada, então, foi na pura raça que eu ganhei de mais outras três meninas que estavam lá no dia com bikes de alumínio.

O bom desempenho logo em sua segunda prova deu mais força para Jéssica continuar no esporte e agora buscar um nível de excelência no paraciclismo. A primeira medida necessária era comprar a sua própria bicicleta. Um dos equipamentos mais caros no universo do paradesporto, o preço da bicicleta adaptada de fibra de carbono girava na faixa de 15 mil dólares, aproximadamente 50 mil reais. A solução foi procurar uma *handbike* de alumínio para poder competir em nível profissional.

Os 16 mil reais que custou seu novo equipamento resultaram de uma campanha de doação feita pelas redes sociais, e os 3 mil que faltaram durante o processo de captação de recursos foram conseguidos com um empréstimo bancário. Seu novo equipamento havia sido importado por outro cadeirante e já era usado, tinha muita coisa para arrumar. As dificuldades não abalaram Jéssica e ela seguiu competindo em 2015. Nas duas etapas restantes, conseguiu sempre assegurar o segundo lugar na Copa Brasil de Paraciclismo. Ao final do ano, ficou com o terceiro lugar na classificação geral, mesmo sem disputar a primeira prova no Distrito Federal.

Sua estreia no circuito nacional de paraciclismo não podia ter sido melhor, e 2016 seria o primeiro ano com o calendário completo de competições. A tarefa de tentar bater Jady Malavazzi para ficar com a vaga nas Paralímpiadas do Rio parecia algo muito distante para alguém que um ano antes não queria ouvir falar de esporte. Mas, todo o seu esforço foi recompensado logo na primeira etapa da Copa do Brasil de 2016. O primeiro lugar no torneio disputado em Araraquara lhe garantiu a primeira Medalha de Ouro em competições nacionais de paraciclismo.

E para completar, a consolidação de Jéssica como a segunda melhor paraciclista do Brasil em 2016 a credenciaram para participar do Mundial de *handbike*, em Bilbao, na Espanha. O torneio foi realizado de 15 a 17 de julho na capital do País Basco e lá se enfrentaram os maiores atletas do esporte nos três dias de competição. E ela não esquece que o sonho da disputa de uma competição em nível mundial tinha o seu preço. O transporte de todo o equipamento e a viagem de 8.500 quilômetros até a Espanha

estavam fora do orçamento que Jéssica dispunha para tentar correr em Bilbao. Com a ajuda de amigos, vendeu pizzas em um restaurante de Jaboticabal e usou as redes sociais para tentar arrecadar o dinheiro necessário, e toda essa persistência deu resultado; as passagens foram pagas em troca de uma exposição de marca durante o mundial.

Ela conta que o dinheiro necessário para viajar até a Espanha foi sendo arrecadado até a véspera da disputa em Bilbao e foi preciso mais um empréstimo bancário para chegar até a capital Basca. Mas valeu, o esforço foi coroado com o sexto lugar nas Provas de Estrada e Contrarrelógio em sua primeira participação em um mundial da categoria H3, paraplégicos com lesão nas vértebras T4 a T10.

Quem conversa com Jéssica percebe que a sensação de competir nas pistas não é a única razão que a faz continuar amando o esporte. A motivação para estar nas Paralimpíadas de Tóquio, em 2020, também dá lugar ao lado social do esporte e a todo o processo que o paraciclismo desencadeou em sua vida durante a fase de recuperação do acidente, que durou um ano, após o choque por saber que não iria andar e até conseguir ser totalmente independente graças ao esporte.

- Eu acredito que o esporte é a melhor forma de reabilitação e introdução do deficiente físico por trauma na sociedade. O esporte te dá forças para a execução de atividades e te leva a acreditar que você não é nada diferente de ninguém. O eixo condutor da reabilitação ajuda nas partes psicológica, física e mental. Não tem coisa melhor.

Acostumada a dar palestras por seu trabalho no CIEE, Jéssica leva sua história de superação a diversos públicos. Contando sua trajetória no esporte, acredita na importância de seu exemplo para os outros.

- Quando eu vou dar palestra e vou falar sobre a minha história eu não cobro, porque eu acho que é uma função social. Eu usei um problema, que é a cadeira de rodas, e transformei isso na minha razão para entrar no esporte, até mesmo na minha razão para continuar. Foi um problema que eu transformei em uma solução para a minha vida. Então, me faz bem poder contribuir para a evolução do outro.

Jéssica também conta sua história no projeto P.A.R.T.Y, sigla em inglês para *Prevent Alcohol and Risk Related Trauma in Youth* – Prevenção do Risco de Trauma Relacionado ao uso de Álcool na Juventude. Esse projeto é desenvolvido pelo Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto e o modelo foi trazido do Canadá. Uma de suas missões é reduzir o índice de jovens envolvidos em acidentes traumáticos no trânsito. Ribeirão Preto foi a primeira cidade da América Latina a desenvolver esse programa e já atendeu

mais de 5.000 estudantes do Ensino Médio e universitários da área da Saúde. Jéssica aborda o acidente sofrido em 2013 para conscientizar jovens sobre os riscos que o trânsito oferece.

- Quando eu entro na sala empurrando a cadeira de rodas e conto que eu era jovem normal e igual a eles, andava, tinha sonhos, projetos e que, devido a um acidente de trânsito, agora estou em uma cadeira de rodas é muito impactante.

Conciliando as palestras e as competições, Jéssica entende que seu exemplo pode evitar que os jovens abusem do álcool e dirijam alcoolizados. Todas as quartas-feiras, ela dedica seu tempo para participar do projeto e contar um pouco de sua trajetória.

- Foi aí que despertou em mim a questão de não querer ser egoísta e de compartilhar isso. Você não tem noção de como vai mudando o olhar deles, por isso eu acredito que eu transformo muito a mente deles. Eles veem que podem acontecer acidentes e eu sou uma prova viva disso.

Entre as pistas e as palestras, Jéssica continua com seu trabalho no CIEE. Conciliar os treinamentos para a capacitação de jovens com o esporte em alto nível é algo que ela encara com normalidade.

- Chega uma hora em que o atleta tem que se aposentar, ele tem que parar. E aí, o que eu vou fazer? Eu pretendo levar de forma concomitante e, é lógico, não perdendo o meu rendimento no esporte.

Nascida em Jaboticabal, Jéssica teve contato com esportes ainda criança. Seu pai trabalhava na Usina São Carlos e todos os filhos dos funcionários estudavam na escola da própria usina sucroalcooleira. O local de sua infância era uma pequena colônia dos trabalhadores, com cerca de 200 casas, e a escola contava com aproximadamente 20 alunos por sala, o que proporcionou uma vida saudável durante toda a sua infância. Naquele ambiente familiar, mesmo a contragosto e obrigada pelos irmãos, Jéssica começou no atletismo aos 7 anos; competia no campeonato Interusinas. Acostumada hoje com o esporte de alto nível, com o ritmo pesado de treinamentos e a disciplina para ser uma atleta, ela lembra que aquele não era o melhor cenário para uma criança que estudava durante toda a manhã e tinha que ocupar suas tardes com o atletismo.

- Eu não queria ir. O treinador era muito chato e pegava muito no pé. Era bem pesado e você quando criança não quer seguir uma linha de treino, você quer brincar. Que eu lembre, depois eu comecei a gostar. Foi um contato que eu tive com o atletismo lá, e isso foi até os 15 anos.

Sem nenhum pensamento profissional em relação ao atletismo, por saber da dificuldade que é viver do esporte, aos 14 anos decidiu começar a trabalhar como Jovem Aprendiz. No ano seguinte, começou a trabalhar em um supermercado, mas o início na carreira profissional não bem como ela imaginava. Acostumada a ver as funcionárias de Recursos Humanos da usina vestidas com roupas sociais, Jéssica pensava que aquele seria seu futuro. Só lembrava o nome da profissão e decidiu fazer um curso profissionalizante aos 15 anos, mas percebeu que toda a experiência acumulada em sala de aula não foi aplicada dentro do supermercado, em Jaboticabal.

- Eu me arrumei todinha de roupa social e fui para o meu primeiro dia. Cheguei lá, a dona do mercado me olhou meio estranho e me levou para um depósito no fundo do mercado. Ela me deu um balde, um detergente, um pano e uma bucinha e me mandou limpar prateleiras. Eu sempre quis ir para essa área de Recursos Humanos e estudava RH, então, na verdade não tinha nada a ver com o que eu fazia.

Longe da realidade de seu curso, os primeiros 15 dias foram sofridos, até Jéssica se acostumar com o expediente no seu primeiro trabalho.

- Eu tinha que ficar na seção de hortifrúti limpando frutas, o depósito, tirando os produtos vencidos do refrigerador, limpando prateleira, vendo produto vencido que estava na gôndola e isso não tinha nada a ver com o curso de RH. Depois, comecei a pegar amizade com os funcionários e brincava com todos, comecei a trabalhar até aos domingos. Então, foi tranquilo.

As atividades como Jovem Aprendiz não tiraram Jéssica dos estudos. Em sua oitava série, a escola da Usina São Carlos fechou e os alunos foram remanejados para escolas da cidade de Guariba, cidade que fica a 30 minutos de sua casa. Como era aluna exemplar, foi transferida para a melhor escola da cidade. Saindo da Usina São Carlos para estudar em um novo ambiente, a nova experiência foi péssima durante todo o ano letivo. A rejeição dos novos companheiros de sala, sofrida pelos alunos que chegavam de ônibus rural, tornou Jéssica uma menina invisível dentro da sala de aula.

- Quando eu cheguei, eu e mais duas amigas minhas da fazenda, tinha um preconceito porque a gente era da fazenda e eles, da cidade. Agiam como quem teria melhores condições de vida porque nossos pais trabalhavam na usina. Nós éramos os excluídos.

Durante a turbulenta oitava série, Jéssica conheceu o seu noivo. Na época, José Carlos Oliveira Júnior era o vocalista e guitarrista da escola e nem percebeu a presença de Jéssica em sua escola durante o fim do ensino fundamental. Reencontraram-se 12 anos depois, de forma totalmente ocasional, ela conta. Quando estava em recuperação

física em São Paulo, Jéssica contou com a ajuda de amigos para se manter na capital paulista durante seu tratamento. Comovido com a história do acidente de sua ex-colega de escola, José Carlos decidiu adicioná-la em seu Facebook, após comprar uma rifa para financiar a permanência de sua atual noiva na capital.

- Quando ele me adicionou, eu vi e falei: Olha, o gordinho da escola, ele ficou fortinho – comentou Jéssica sobre o então recém amigo das redes sociais que se tornara fisiculturista.

- O que esse cara vai querer comigo, empurrar minha cadeira?

A desconfiança de Jéssica no início se transformou em uma grande amizade durante o período de recuperação de seu acidente. A rotina intensa de fisioterapia fez com que perdesse bastante peso naquele ano em São Paulo. Sem muita experiência na área de nutrição, Jéssica começou a conversar com José Carlos, graduado em Educação Física e ativo sobre o assunto em suas redes sociais.

De conversas sobre carboidratos e proteínas, Jéssica e José Carlos criaram uma relação em que um apoiava o outro em suas ambições. Quando a rotina diária de conversas era quebrada, um sentia a falta do outro e a relação esportiva foi se transformando em uma relação pessoal. Um se tornou essencial na vida do outro. José Carlos dando força para Jéssica em seu processo de recuperação e Jéssica apoiando José Carlos em suas competições de fisiculturismo. Ao retornar para morar com seus pais em Jaboticabal, Jéssica foi convidada para jantar e no segundo encontro foi pedida em namoro por José Carlos.

Há três anos juntos e noivos há dois anos e meio, José Carlos dá total apoio para a carreira de alto desempenho de Jéssica Moreira. Se ela tem total desenvoltura para quaisquer atividades do dia-a-dia na cidade, em algumas ainda precisa de toda a força do noivo fisiculturista, principalmente na hora de tirar a *handbike* do bagageiro do carro.

E a parceria entre os dois vai bem além da ajuda para alguns trabalhos manuais. A parte de condicionamento físico e a de alimentação de Jéssica são gerenciadas por José Carlos, que dá total apoio para que nunca desista do ciclismo adaptado.

- Hoje ele me apoia muito. Todo atleta de alto rendimento precisa ter um psicólogo esportivo, e ele é o meu. Isso é preciso porque são muitos os altos e baixos. No início de 2016, eu fiz todo um projeto para ir treinar em Brooksville e não deu certo. Eu não consegui levantar recursos para ir e isso me abalou. Eu quis abandonar e ele me

incentivou a continuar. Hoje, graças a ele, que é atleta há muito mais tempo, acontecem coisas e eu já entendo que não posso me abalar por isso.

Voo da Águia
Daniel Georgio Silva

Quando Eliude Maria e José tiveram o seu terceiro filho, no dia 16 de outubro de 1991, os médicos do Hospital São Lucas, em Diadema, não lhes deram muita esperança. O garoto recém-nascido apresentava mielomeningocele, má formação congênita em que a espinha dorsal e o canal espinhal não se fecham antes do nascimento, e hidrocefalia, acúmulo de líquido dentro do crânio. Sem o recurso de ultrassom para o diagnóstico ainda antes do parto pelo Sistema Único de Saúde (SUS), os problemas de saúde de Daniel Georgio Silva logo ao nascer poderiam comprometer seu desenvolvimento.

Teve que ser transferido às pressas para o Hospital Santa Marcelina, pois o São Lucas não tinha uma equipe para a realização da cirurgia que repararia o tecido que protege os nervos e a medula espinhal. De carro, José levou o filho com todo o cuidado para evitar o rompimento da mielomeningocele durante o percurso, de mais de 20 quilômetros, até o setor de emergências do outro hospital. Ele conseguiu, mas, após a cirurgia, a previsão médica indicava que ele ficaria em estado vegetativo ou com um atraso cognitivo avançado. O acúmulo de líquido na região do cérebro era constante e a opção seria o uso de uma válvula para a drenagem. Mesmo com esse tratamento, o diagnóstico apontava que Daniel não andaria, não falaria e teria que comer por sonda. No entanto, no terceiro dia internado na UTI, o inchaço na cabeça regrediu e Daniel já apresentava melhoras.

- Tem coisas que a ciência não explica

Como previsto no diagnóstico inicial, umas das funções afetadas foram as motoras. Mesmo com a cirurgia emergencial de 12 horas para o fechamento da espinha, suas pernas ficaram paralisadas, uma das sequelas mais comuns em crianças nascidas com mielomeningocele. Após dias no hospital, enfim retornaram a Diadema, onde residiam na Grande São Paulo, mas a rotina sofreu alterações bruscas com a chegada do novo membro da família. Para cuidar de seu filho mais novo, Eliude teve que abandonar o trabalho longe de casa e aprendeu a costurar para poder ficar com Daniel, pois o pai tinha um trailer que funcionava como um restaurante e bar na Estrada da Cooperativa, perto da Rodovia dos Imigrantes, em São Bernardo do Campo.

Sem condições para a compra de uma cadeira de rodas, a solução encontrada foi um carrinho de bebê para levar Daniel à pré-escola até os 3 anos. O início prematuro na escola infantil foi conciliado com a reabilitação no Hospital da Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD), localizado na Vila Mariana, bairro da zona sul da capital paulista. O tratamento diário visava preservar a função dos órgãos e

sistemas afetados, buscando evitar complicações que pudessem agravar seu estado de saúde.

Na AACD, Daniel começou aos 3 anos para fazer fisioterapia. A associação forneceu uma cadeira de rodas ao novo paciente, que mesmo não sendo específica para uma criança, ao menos evitava que sua mãe tivesse que carregá-lo no colo durante o trajeto de trólebus e metrô de Diadema a Vila Mariana. A adaptação à cadeira deu mais independência para as atividades do cotidiano, desde muito cedo a rotina diária era entre escola e tratamento.

Dentre os dez anos de tratamento na AACD, treze cirurgias foram necessárias para correções de diversas sequelas causadas pela mielomeningocele. Sem muita lembrança de tantos procedimentos cirúrgicos durante toda a sua infância, Daniel se lembra da correção de um problema em seus pés, que eram virados para dentro, e da mais traumática de todas, aos 10 anos de idade. Sua bexiga não havia se desenvolvido e causava diversos problemas, como infecções urinárias. Um dos tratamentos para bexiga neurogênica, termo médico para a doença, era cirúrgico. Foram usados pedaços de seu intestino para a ampliação de sua bexiga. Daniel se alimentou apenas por sonda por três dias após o procedimento, mas complicações no pós-cirúrgico comprometeram o processo de recuperação. A urina vazava de sua bexiga após a infecção dos pontos cirúrgicos.

- Literalmente, abriu um buraco na cirurgia. Eu sofri bastante, tive infecção, tive escaras por ficar muito tempo em uma mesma posição e foram quase 30 dias para tratar tudo. Fiquei internado na UTI e quase morri. Minha mãe deixou de fazer muita coisa para estar comigo todos os dias e a mais seis meses do pós-operatório, que era bem complicado, eu sentia muitas dores da infecção e ela precisava cuidar de mim o tempo todo.

Convivendo com as cirurgias durante a infância, Daniel nunca deixou de frequentar a escola em Diadema. Como precisava fazer tratamentos diários na AACD, repunha aulas com as terapeutas do local quando os horários coincidiam com o tratamento. Todo o processo escolar ocorreu normalmente e após alguns anos a prefeitura fazia o transporte de Daniel às fisioterapias e consultas na Vila Mariana.

Durante o período em casa, seus irmãos - Diógenes Silva, atualmente com 33 anos, e Danilo César, com 31 anos - também ajudavam a cuidar do caçula. O fato de ser o mais novo da casa somado às atenções especiais de sua mãe geravam um ciúme normal nos outros dois irmãos, mas a rotina de criança não foi alterada pelo fato de estar

em uma cadeira de rodas. Daniel vivia pelas ladeiras de Diadema, empinava pipa e até brincava de carrinho de rolimã com o auxílio de seus irmãos para entrar no brinquedo.

Assim, nunca se viu como uma pessoa especial, apenas precisava um pouco mais de cuidado que as outras crianças. A independência na cadeira de rodas deixava sua mãe de cabelos em pé. Daniel saía para brincar e voltava todo ralado para casa depois de suas manobras nas ruas perto de sua casa. A mãe começou a dar mais liberdade ao filho aos poucos, mas começou a ver que era a melhor maneira de cuidar do caçula seria se desprender do medo de que algo acontecesse. Com o passar dos anos na sua infância, a mãe começou a dar tarefas para o filho em casa. Aprendendo as responsabilidades como qualquer criança de sua idade, sempre ajudou sua mãe no que podia fazer e no que não podia ela ajudava.

- Ela sempre me viu como uma pessoa normal, mas não tinha uma superproteção a ponto de não me deixar sair, pegar um ônibus sozinho. Foi bom porque eu aprendi a me virar muito cedo, ela precisava sair para comprar tecido, eu ficava sozinho na minha casa e me saía bem, então isso me deu uma independência muito grande. Eu ia até a lotérica em outro bairro pagar conta para ela.

O período de reabilitação na AACD deu bastante controle das pernas para Daniel, que tem alguns movimentos nos membros inferiores. Após alguns anos na cadeira de rodas, sua mãe sugeriu uma muleta, pois achava que com isso o filho seria ainda mais independente. Mas, a falta de prática com o novo equipamento no seu dia-a-dia, as inúmeras quedas por algum piso escorregadio ou nas ladeiras perto de sua casa, e ainda os colegas de escola correndo e tropeçando em sua muleta inviabilizaram a ideia.

Mesmo com o problema da falta de acessibilidade, sempre preferiu a cadeira, pois com ela não se sentia preso. Da primeira à quarta série do Ensino Fundamental, contava com a ajuda do diretor para subir os degraus e ir à sala de aula da escola municipal Mário Santalúcia, em Diadema. Sem a preocupação da direção da escola, preferiram erguer Daniel por metros durante quatro anos a adaptar o espaço para atender a todos os alunos. Mas os empecilhos nunca minaram a questão do aprendizado.

- Ser deficiente não quer dizer que você é dependente de alguém, de maneira nenhuma. Você pode ser tetraplégico e ser superinteligente, desenvolver suas ideias e ser independente de alguma forma. Você pode ser dependente na parte física para algumas coisas, mas sua mente é algo que vai muito longe.

Inteligente quando criança, hoje assume que nunca gostou muito de estudar. Membro assíduo da turma do fundão em seus tempos de escola, acredita ser um dos

piores alunos por conta da zoeira em sala aula - fazia besteira, falava alto e jogava papel na sala, recorda-se. Fazia de tudo para não ir para a escola, inventava que estava passando mal para poder voltar para casa. Eliude sempre era convocada pela diretoria para conversar sobre o comportamento de seu filho.

Ao final da quarta série, mudou para a Escola Estadual Santa Maria para cursar o restante do ensino fundamental e o ensino médio. Se os estudos não eram a parte preferida de Daniel durante o período escolar, a única atividade que lhe interessava era a de Educação Física. Mesmo com as limitações pela deficiência física, nunca ficava de fora das atividades e participava até do futebol, mesmo gostando mais do basquete.

- Era a aula que eu mais gostava. Eu não queria ficar preso dentro da sala de aula, gostava de estar em quadra mesmo, sempre gostei disso.

O primeiro contato com o esporte veio na AACD, aos 7 anos de idade. A hidroterapia era uma das principais atividades durante o período de reabilitação para o fortalecimento muscular, mas os horários da natação começaram a mudar constantemente e prejudicavam o trabalho de costureira da sua mãe, que não podia esperar o filho do horário da fisioterapia até o da natação para irem embora. Mesmo gostando muito do esporte, teve que desistir das aulas após alguns anos.

A prática de alguns esportes não adaptados na escola sempre agradou a Daniel. Aos 15 anos, por intermédio de um amigo, Valdir, o Palmeirense, teve o primeiro contato com o basquete em cadeira de rodas. O vizinho sempre via o garoto correndo pelas ruas de Diadema empinando a cadeira e decidiu convidá-lo para participar dos treinamentos na Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo. Com a permissão da mãe, que temia a aproximação de pessoas mal-intencionadas, e do diretor da escola, pois Daniel precisava sair um pouco mais cedo da aula para ir treinar, começou a participar da equipe de basquete em 2006.

A equipe da Metodista era apenas uma equipe voltada à prática do basquete em cadeira de rodas, sem nenhuma filiação em federações ou confederações. Após três meses e a convite de um ex-colega de equipe, Daniel preferiu trocar o time da universidade por uma equipe focada em competições e foi para a Associação Desportiva de Pessoas com Deficiência Física, a ADESP, que também ficava em São Bernardo do Campo. A rotina de treinamentos mudaria de terça e quinta para toda segunda, quarta e sexta e o basquete em cadeira de rodas se tornaria ainda mais importante no seu dia-a-dia.

Na mesma época em que trocou de equipe, sua família mudou-se de Diadema para São Bernardo e a nova casa era próxima à quadra. Como entrou no decorrer da temporada na ADESP, os primeiros seis meses na nova equipe foram apenas de treinamentos, pois não podia ser inscrito em nenhuma competição. Treinava e ficava na arquibancada acompanhando os companheiros durante os jogos. No segundo ano na modalidade, em 2007, começou a ter mais habilidade no basquete e foi inscrito para disputar os torneios pela equipe.

A nova fase em sua incipiente carreira de jogador foi um choque para sua mãe. As viagens para competições exigiam que Daniel passasse até três ou quatro dias fora de casa e, mesmo tendo feito de tudo para o filho ser o mais independente possível, Eliude não estaria mais lá caso Daniel necessitasse de sua ajuda. A primeira competição longe dos olhos da mãe foi em Santos, um torneio extraoficial organizado por uma associação.

- Foi de quinta a domingo, eu fui para lá e fiquei lá com eles. Eu tinha 16 anos na época e minha mãe enlouqueceu. Ela me deu até um celular, pegou um que tinha lá e me ligava direto. Conheceu todo mundo do time, porque ela tinha medo que acontecesse alguma coisa.

Essa nova rotina fora de casa e com total dedicação ao basquete logo começou a interferir na sala de aula. A coincidência entre os horários de treinamentos e os horários de aulas e a falta de interesse fizeram Daniel largar os estudos em 2007, sem a autorização da mãe para tomar a decisão. Na metade do primeiro colegial, decidiu investir seu tempo integralmente na modalidade para se tornar um profissional, viver do basquete e retornar à mãe todo o incentivo financeiro dado durante toda a sua vida.

- Quando ainda morava em Diadema, ela pagava alguém para me levar aos treinos, porque era longe e na época, em 2006, Diadema ainda não tinha ônibus adaptado. Não que eu fosse acomodado, mas ela pagava porque não tinha como eu ir de ônibus. Ela sempre investiu em mim, tanto ela quanto meu pai. Comecei a me dedicar muito ao basquete e parei a escola.

Durante o período em que jogou no time da ADESP, disputou apenas campeonatos paulistas, pois contavam apenas com o apoio da prefeitura para bancar as despesas das competições. Sem patrocínio para custear as viagens do torneio nacional, que não eram pagas pela Confederação Brasileira de Basquetebol de Cadeira de Rodas (CBBC), as disputas eram contra equipes mais regionais. No máximo, viajavam até Presidente Prudente, a cerca de 600 quilômetros de distância de São Bernardo do Campo.

A falta de apoio financeiro foi enfraquecendo a equipe de São Bernardo com o passar dos anos em que Daniel esteve no plantel. A saída de alguns atletas que precisavam trabalhar para se sustentar foi minando o projeto da ADESP em 2007 e 2008 e a equipe fechou as portas. Então, foi convidado a disputar o campeonato paulista de 2009 por uma nova equipe formada, a APBS Guarujá, Associação Paradesportiva da Baixada Santista. Nos dois anos pela nova equipe foi campeão paulista logo no primeiro campeonato disputado, mas sua mãe não parecia muito contente com o desempenho do filho.

- Nessa época, minha mãe ficou mais doida ainda comigo porque eu precisava ficar em um alojamento no Guarujá para treinar de quinta a domingo. Descia na quinta de manhã, treinava e ficava até domingo à noite. Treinava esses dias todos lá e como era um poliesportivo grande, tinha alojamento na quadra.

Se a equipe foi a campeã do Campeonato Paulista em 2009, no ano seguinte teve que deixar a competição durante a realização dos jogos. A falta de auxílio da prefeitura do Guarujá inviabilizou o projeto e, mais uma vez, uma equipe em que Daniel jogava teve que ficar inativa e fora das competições. Apesar de tudo, a desmotivação por outra vez ter que interromper o sonho de jogar basquete em cadeira de rodas durou apenas quatro meses. No mesmo ano, foi convidado pela sua ex-treinadora na ADESP, Cristiane, para jogar pelo Águias de São Paulo: “Você é um moleque muito novo, vem treinar com a gente”.

Aquele convite representava a realização de um sonho na vida de Daniel. Em seu primeiro ano pela ADESP, em 2006, viu um duelo de seu ex-time contra a equipe que começaria a defender pelos próximos anos. Ficou fascinado pelo Águias e pelo alto nível de seus jogadores e, após a partida, comentou com sua mãe a respeito e ouviu uma premonição: “Não esquenta não, treina que um dia você vai estar lá”. E, quatro anos depois, estava no meio de atletas da Seleção Brasileira.

Fundado em 13 de janeiro de 1987, o Grêmio Recreativo Independente de São Paulo - esportes para deficientes físicos - Águias de São Paulo é um dos pioneiros no basquete em cadeira de rodas no Brasil. O time coleciona ao todo sete títulos de campeonatos paulistas e oito títulos brasileiros em sua sala de troféus. A sede fica na Barra Funda, distrito da Zona Oeste da cidade de São Paulo, e os treinamentos ocorriam apenas de segunda e quinta na quadra da sede da equipe. Às terças, o local escolhido era a Universidade São Judas, na Mooca, às quartas, no CEO Jaguaré e, às sextas, no SESC

Pompeia. O trajeto por diversos bairros de São Paulo não impedia Daniel de sempre comparecer aos treinamentos todos os dias da semana das 17h às 21h.

- Pegava dois ônibus e metrô com baldeação sempre. Ia até o terminal de São Bernardo, pegava o trólebus, do trólebus pegava o metrô até a Sé e depois seguia para a estação. Pegava sempre quatro conduções, chegava às 23h30, meia-noite em casa. Era disciplina exata, eles não queriam saber se eu morava longe, eu tinha que estar alongando às 17h, se não estivesse pagava castigo, ficava fazendo 10 voltas na quadra. Então eu tinha que sair mais ou menos 14h30 todos os dias.

A rotina exaustiva de quatro horas de treinamento e outras quatro dentro do transporte público não interromperam o sonho do profissionalismo no basquete em cadeira de rodas que vivia Daniel. O aprendizado com os atletas que tanto admirava, principalmente Berg e Anderson, e a experiência de treinar juntamente com alguns dos melhores atletas brasileiros na modalidade valiam cada esforço para chegar aos treinamentos, pontualmente, às 17h. Mesmo com o fim da APBS, Daniel ainda estava inscrito para competições pela equipe do Guarujá em 2010, seu primeiro ano no Águias de São Paulo. Assim, sua rotina foi apenas de treinamentos naquele ano.

O primeiro campeonato disputado por Daniel pela nova equipe foi o Campeonato Brasileiro de 2011, que aconteceu em Recife, Pernambuco. O torneio anual aconteceu de 7 a 11 de dezembro, nas quadras da Faculdade Maurício de Nassau. A equipe do Águias de São Paulo acabou ficando com o terceiro lugar e Daniel conquistou sua primeira medalha em competições nacionais. Mesmo voltando de Pernambuco sem o título, a Medalha de Bronze no campeonato brasileiro valeu muito para a equipe, pois as três melhores equipes da competição garantiriam o benefício da Bolsa Atleta Nacional para o ano seguinte. Era a consolidação da carreira de Daniel, um atleta profissional que podia viver do basquete. O salário de 925 reais pago pelo Ministério do Esporte mais a ajuda de custo do patrocinador do Águias de São Paulo, o portal Glamurama, da jornalista Joyce Pascowitch, permitiam que ele se dedicasse apenas ao esporte em sua vida.

Em janeiro de 2013, veio a consagração da carreira. No campeonato nacional disputado em Niterói, no Rio de Janeiro, o Águias venceu a equipe de CAD/VETNIL/SMEL, de São José do Rio Preto, e conquistou o título do Campeonato Brasileiro. Daniel já podia falar para todos que era Campeão Brasileiro, seis anos após ser apresentado ao basquete em cadeira de rodas, quando tinha apenas quinze anos. No

ano seguinte, veio o bicampeonato no Brasileiro, quando sua equipe derrotou o Magic Hands na final do torneio disputado em Brasília.

- Eu tive muito orgulho, por mais que eu não tenha participado muito em quadra por minha falta de experiência, eu ganhei experiência para a vida toda. Ter medalha na minha casa e poder falar: 'Eu fui campeão brasileiro da primeira divisão'.

Ser bicampeão nunca foi fácil, mas, mesmo com o bicampeonato nacional, o investimento no clube foi encerrado em 2014. A trajetória de quatro anos e três medalhas de Daniel pela equipe do Águias de São Paulo acabou logo após a Medalha de Ouro no Campeonato Brasileiro. Mesmo com o fim das atividades do terceiro clube em que jogou, os quatro anos recebendo para jogar basquete profissional o ajudaram a realizar outro sonho em sua carreira.

- Minha família voltou para Diadema com o intuito de construir uma casa. Compramos um terreno de uma amiga nossa e tenho muito orgulho de falar que, com o dinheiro do basquete, eu consegui ajudar meus pais a terem sua casa própria. Sempre moramos de aluguel e eles sempre investiram em mim. Então, eu pude investir nos meus pais, retornar parte de todo o suporte que eles me deram.

Longe da realidade dos patrocinadores, Daniel voltou à ADESP, que foi reativada, e disputa os campeonatos paulistas de basquete em cadeira de rodas. Sem ganhar como atleta profissional, começou a trabalhar em uma loja de cadeiras de rodas sob medida, no início de 2016. Essa ocupação longe das quadras nunca foi planejada, mas a crise e a falta de investimentos no esporte coletivo obrigaram Daniel a buscar uma nova fonte de renda.

Daniel conta que, mesmo longe do cenário nacional de competições, sua dedicação pela equipe da ADESP continua a mesma de sempre. O basquete nunca será um lazer em sua vida e a rotina árdua de treinamentos será conciliada com o trabalho longe das quadras. O sonho da Seleção Brasileira ainda continua vivo, apesar de jogar em uma equipe de divisão menor em nível nacional. No entanto, mostrou que poderia estar entre os melhores do Brasil, não fossem a falta de apoio e as dificuldades financeiras e estruturais enfrentadas pela modalidade Basquete em Cadeira de Rodas no Brasil.

- Tem caras com 35 anos que ainda entram na seleção, acho que nunca é tarde. Se tivesse um pouco mais de incentivo, ou um pouco mais de divulgação, isso não estaria do jeito que está. A gente treina de 5 a 6 horas por dia e, com a academia, chega a

treinar um total de 7 horas. Por isso o atleta merece viver do esporte! Ele se dedica o tempo todo!

Daniel, como muitos outros paradesportistas no Brasil, esbarra nas questões financeiras e na falta de reconhecimento para tentar realizar o sonho da profissionalização no esporte. O bom desempenho e as dificuldades advindas da deficiência tornam a história de Daniel semelhante a da maioria dos paratletas brasileiros. O poder de superação para passar por cima de todos os obstáculos não se reflete no apoio devido ao paradesporto nacional.

Agradecimientos

Breno Thadeu Paganini Lima

Durante o processo de produção do livro diversas pessoas contribuíram para a finalização dessa obra. Gostaria de dedicar esse trabalho a todos que de alguma forma estiveram presentes durante esse período final da minha graduação em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e a todos que tornaram esse livro uma realidade.

Dentre tantas pessoas envolvidas neste projeto, agradeço principalmente a minha família. Meu irmão, Felipe, meu pai, Hilmar, e, em especial, minha mãe, Elisabete. Iniciei minha primeira graduação há oito anos, troquei de curso e todos sempre estiveram ao meu lado me apoiando durante minhas andanças por Ouro Preto, Franca, Ribeirão Preto e, finalmente, Bauru. Sem esse apoio, esse livro não se tornaria uma realidade.

O projeto teve total apoio do Professor Angelo Sottovia Aranha, nosso orientador durante a execução de todas as etapas deste livro, que acreditou desde o início em nossa proposição, acompanhou pessoalmente o desenvolvimento desta obra e nos aconselhou para aprimorar nossas produções.

Ao meu amigo e coautor do livro, Vitor Garbuio de Almeida, pela parceria durante esses meses de entrevistas, apuração, produção e finalização do nosso projeto de conclusão de curso em jornalismo. Sempre confiando no meu trabalho, conseguimos encerrar nossa graduação com a realização do primeiro livro de nossas carreiras.

O livro possui perfis de cinco paratletas, mas diversas pessoas participaram diretamente para a finalização deste produto. Um agradecimento a todos os atletas, treinadores e pessoas ligadas ao paradesporto que sempre se dispuseram prontamente a nos ajudar para a produção do nosso livro.

Os oitos anos que passei até finalizar minha primeira graduação me possibilitou conhecer diversas pessoas e fazer grandes amigos. Um agradecimento especial a todos que passaram pela minha vida nessa fase, sobretudo aos que pude morar e conviver na República Risca Faca e Babilônia, da UNESP Bauru, e da República Curral, UNESP Franca, e a todos meus amigos de Ribeirão Preto, que sempre levo comigo muito antes da idealização desta obra.

Vitor Garbuio de Almeida

Agradeço, acima de tudo, aos meus pais, Glaucia e Rodrigo. Meu muito obrigado pela criação que recebi e pelo amor que vocês me deram e me dão. Sem o esforço diário de vocês, eu não teria as oportunidades que tive até aqui. Espero um dia poder retribuir parte do que vocês fazem por mim e pela minha felicidade. Agradeço a você, Julinha, por ser a pessoa mais pura e a irmã mais especial que alguém pode ter. Acompanhar seu crescimento e perceber a menina maravilhosa que você se tornou me faz um irmão muito orgulhoso. Dedico esse livro a vocês.

Agradeço a toda minha família pelo carinho e pelo suporte. Obrigado, especialmente, ao meu tio Paulo José, por nos acolher em sua casa, possibilitando a conclusão desse trabalho. Aos meus amigos de São Carlos que sempre caminharam e tenho certeza que caminharão ao meu lado em todos os momentos, principalmente Gabriel Souza, Gabriel Locher, Caique Contri, Everton Vendrasco, Lucas Petroni e Vitória Matos.

Em Bauru, meu enorme agradecimento aos que dividiram teto comigo nos anos de graduação, à República Risca Faca e aos muitos frequentadores da casa, pelas conversas, discussões e ensinamentos. Nessa cidade e dentro dessa república, eu conheci amigos que levarei para o resto dos meus dias e aprendi a conviver com pessoas diferentes de mim, ouvir e respeitar opiniões divergentes.

Ao coautor desse livro, Breno Thadeu Paganini Lima, agradeço pelos cinco anos de amizade, pelas risadas, pelas cervejas, pela convicção em nossa capacidade e por todo o processo de produção de *Sem Parar*. Terminamos esse importante estágio de nossas vidas com companheirismo e assim seguiremos daqui em diante.

Muito obrigado aos professores que tive ao longo de minha vida. Em especial, ao nosso orientador Angelo Sottovia Aranha, por ter apoiado nossa ideia desde o princípio, pelas reuniões produtivas, pelas sugestões e pela paciência. Também agradeço ao amigo Victor Harabura, pelas inspiradas ilustrações que compõem o livro.

Por fim, agradeço aos entrevistados que não tiveram suas histórias mencionadas no livro e aos perfilados Angelina, Ana Paula, Ivan, Jéssica e Daniel. Obrigado pela confiança e por abrirem as portas de suas vidas para dois estudantes e futuros jornalistas. A realização desse trabalho só foi possível porque vocês lutam por seus direitos e por uma sociedade mais justa e inclusiva.